

C O L E Ç Ã O



VERSÃO
DIGITAL

LUIZ ANTÔNIO DE
OLIVEIRA MENDES

**MEMÓRIA A
RESPEITO DOS
ESCRAVOS E
TRÁFICO DA
ESCRAVATURA
ENTRE COSTA
D'ÁFRICA E O
BRASIL**



EDIÇÃO



“O projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Pedro Calmon (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal”.

APOIO FINANCEIRO:



SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



C O L E Ç Ã O



AUTO
CONHE
CIMENTO
BRASIL

LUIZ ANTÔNIO DE
OLIVEIRA MENDES

**MEMÓRIA A
RESPEITO DOS
ESCRAVOS E
TRÁFICO DA
ESCRAVATURA
ENTRE COSTA
D'ÁFRICA E O
BRASIL**



EDIÇÃO

BAHIA / 2021

Texto apresentado pelo autor à Real Academia de Ciências de Lisboa, em 1793, publicado nas Memórias Econômicas da referida Academia, Tomo IV, Lisboa, Tipografia da Academia, 1812, (págs. 1-82), e reproduzido nos Cadernos “O homem e a sociedade”, Porto, Escorpião, 1977.

Discurso Acadêmico ao Programa

Determinar com todos os seus sintomas as doenças agudas e crônicas que mais frequentemente acometem os pretos recém-tirados da África; examinando as causas da mortandade depois da sua chegada ao Brasil, se talvez a mudança do clima, se a vida mais laboriosa, ou se alguns outros motivos concorrem para tanto estrago; e finalmente indicar os métodos mais apropriados para evitá-lo, prevenindo-o, e curando-o: tudo isto deduzido da experiência mais sisuda, e fiel.

Luiz Antônio de Oliveira Mendes
(Premiada na sessão pública de 12 de Maio de 1793)

Entre os projetos, em que se tem desde a sua origem e estabelecimento empregado, esta Real Academia, nenhum entre outros, é mais digno de louvor, do que o presente, que foi dado para discorrer-se; porque ao tempo, em que ela compadecida se manifesta uma perfeita e verdadeira amiga desta porção mais desgraçada da espécie humana, consultando em geral os interesses dos pretos recém-tirados dos Reinos africanos para o Brasil, na preservação das suas vidas, consulta também em particular os dos seus senhores, que por efeitos da compra, de contínuo arriscam o seu valor, e importância, que com eles se sepulta, e em comum os do mesmo Estado, que sabe, e pesa, que eles são tanto ou mais preciosos, como necessários para a estabilidade, e promoção da agricultura, e das diferentes manufaturas dos domínios do Ultramar com transcendência às Nações estranhas, de cujos transportes continuados, fazendo sucessivamente girar o comércio, e pôr em atividade a navegação, se percebem uns avultadíssimos direitos.

Para prosseguir em um assunto tão vasto, e em um objeto, que por si mesmo se faz recomendável, e digno das maiores atenções, procedendo metódica, e, quanto possível me seja, concisamente, dividirei este discurso em seis partes, ajuntando a cada uma delas as reflexões precisas, e estas em seu todo derivadas da mais sisuda, e fiel experiência.

Na primeira parte, tratarei da natureza, e da qualidade do ar, que os pretos respiram na África, da salubridade das águas, da temperança, ou intemperança do clima natal; da liberdade do seu viver; dos seus costumes; no que se ocupam; de que se sustentam; e finalmente do próprio vestuário, que lhes serve de resguardo ao corpo.

Na segunda parte tratarei do modo, das causas, e princípio porque são desapossados da sua apreciável liberdade; concluindo com os três sistemas, pelos quais os pretos da mesma África são trazidos para o duro, e cruel cativoiro.

Estes dois pontos ao tempo que fazem parte do discurso servem de uma precisa introdução a ele; e por isso tive por conveniente principiar por eles para extrairmos as luzes, e os conhecimentos necessários.

Na terceira parte tratarei do horroroso artigo, e da lastimosa situação dos pretos escravos; e subdividirei a mesma dura escravatura em três distintas idades, a saber: a primeira quando a ferros são lançados nela, e desnaturalizados do seu país até ao porto marítimo, aonde na África são revendidos para serem transportados para o Brasil: a segunda, quando são transportados, e entregues ao comissário até aquela época em que são revendidos no Brasil a diversos senhores: a terceira, quando na América os tiranos e cruéis senhores os compram, e os ficam possuindo até ao último espaço das suas vidas.

As diversas crueldades experimentadas pelos pretos escravos em todas estas referidas idades, fazem gelar o sangue nas veias ao fiel e experimentado escritor.

Na quarta parte tratarei das doenças agudas, que ordinariamente os acomete, e que são adquiridas nas mudanças, e variações dos seus alongados transportes, aonde tudo de mal, e contrário a saúde os persegue.

Na quinta parte tratarei das doenças crônicas, tirando algumas delas a sua origem das agudas, de que escaparam, e indicando donde sejam provenientes as outras, que de novo insurgem.

Neste lugar, a seu tempo pela força do discurso, da demonstração, dos fatos deduzidos, e tirados da mais sisuda, e fiel experiência, tudo munido, e autenticado pelas melhores reflexões, me verei obrigado a tirar as duas necessárias conclusões: primeira, que os pretos que da África são transportados para o Brasil, escapando e resistindo a tantos contratempos, inclemências, e infortúnios, a que resistem, podem ser chamados homens de pedra, ou de ferro. Segunda, que o causador de toda a sua grande mortandade, e estrago, além de outras causas insurgentes, que menos concorrem, é o tiranismo dos seus mesmos senhores, que fazem insurgir, e nascer a maior parte das suas moléstias, as quais cada vez mais vão crescendo, e levam os pretos à sepultura.

Na sexta parte tratarei com fidelidade dos modos, e dos meios de se acautelarem, e de se curarem umas, e outras enfermidades, sendo tudo deduzido da mais sisuda experiência, das mais exatas informações, da presencial observação, e prática deste fatal estrago, fazendo esta última parte um perfeito jogo com as reflexões, e princípios estabelecidos, e espontaneamente nascidos de todas as outras precedentes.

Capítulo 1

Da natureza e da qualidade do ar que os pretos respiram na África; da índole deles; da salubridade das águas; da temperança do seu clima natal; da liberdade do seu viver; dos seus costumes; no que e o quanto se ocupam; de que se sustentam; e finalmente o seu vestuário.

É coisa por todas bem sabida, que a grande porção de pretos que da África são transportados para fornecer de escravatura a todo o Brasil, é extraída da Costa chamada da Mina, de Cabinda, do Reino de Angola, do Novo Redondo, de Benguela, de Cabo Verde¹, portos todos estes da costa de leste na África, sem que se fale nas Ilhas adjacentes de Bissau, de Cacheu, de Fernando Pó, da Ilha do Príncipe, de São Tomé, da do Ano Bom², e de Moçambique na contra-costa³. Todas estas terras, segundo descrevem as cartas geográficas, ficam de um a oito graus ao norte, e ao sul do Equador.

Desta dedução se tira a certeza, e a infabilidade, de que os pretos exportados para o Brasil ainda considerados no centro dos seus sertões, são na sua origem, e nascimento, habitantes dispersos do meridiano.

Em razão desta sua situação, e positura local, é claro, que sendo eles habitantes da zona tórrida, o seu clima vem a ser intemperado, desabrido, e ardentíssimo, o qual obriga ao terreno, e consequentemente aos seus habitantes a uma demasiada transpiração, e evaporação. Por isso mesmo a atmosfera, que sobre eles carrega, e circula, é a mais crassa, e o ar mais pesado, e menos puro, que se pode considerar; sem que por essa mesma causa da positura, e situação, possa haver viração, e ventos sucessivos, que refrescando-os,

¹ Da Ilha de Cabo Verde são enviados escravos para o Pará.

² Não se fala das Ilhas de Bissau e de Cacheu, e em todas as outras mais, porque ainda que existam pretos em suas terras, contundo, todos quantos se podem reduzir à escravidão são poucos ou, pelo muito, suficientes para o consumo e serviço da terra.

³ É em Moçambique que Franceses e Portugueses vão buscar e negociar escravos que transportam para a Ásia.

os refaça de um novo ar, e corte saudável, que os vivifique.

Sendo pois toda aquela dita costa de África, e ainda muito mais seus entranhados sertões pela falta das virações até do mar, o País, e o clima o mais ardente, que se pode supor, em tanto extremo, que se poderia dizer, que o nosso dia de verão é para eles o mais rigoroso de inverno, por uma necessária inferência vem ele também a ser o mais doentio, que se pode imaginar.

Porém os pretos, que no seu seio nasceram, e que dentro dele têm o berço maternal, ali vivem com satisfação plena, tendo este clima pelo melhor, porque outros não conhecem, e por efeitos da correlação que o nascimento tem com o clima, em um ar, quase empestado, logram no seu tanto uma perfeita saúde, e são proporcionalmente menos acometidos das grandes, e cruéis enfermidades, do que outros quaisquer, dos que lá entram, ou são presas certas, ou pelo menos passam por um gravíssimo perigo, trazendo porém sempre consigo os vestígios, posto que degenerados, das enfermidades de que escaparam.

O que estes habitantes na força da ardência do clima têm mais a seu favor, que de algum modo os refresca, e que vivifica a sua cultura dos campos, é o *cacibo*, ou *Cacimba* da noite⁴; porém esta mesma lhes é tanto mais prejudicial, e infesta, porque desse mesmo pesado orvalho é que se originam algumas das suas enfermidades, o que melhor se confirma com a experiência do que sucede às pessoas estranhas no país, que fogem à *Cacimba* para também fugirem a

⁴ *Cacimba* é um orvalho que na África cai sobre a terra entre o por do sol e o amanhecer.

muitas enfermidades, e sendo por ela apreendidos, infalivelmente adoecem; porém os pretos na África já a elas habituados, vivem, e dormem expostos a essa mesma Cacimba, sem que tanto lhes prejudique, e menos ainda lhes prejudicaria, se sendo capazes de razão abraçassem a prevenção, e o desvio, que os estranhos abraçam, e a causa, por que os pretos tudo isto menos sentem é, porque a sua fibra e nervos estão avezados desde seu nascimento a estas tentações.

As águas, de que usam estes habitantes da África concentrados nos seus sertões, aonde vivem dispersos, à exceção daqueles que habitam nas proximidades dos rios correntes, que vêm desembocar ao mar na costa, como são os rios Manguba, Angoi, que tem o seu princípio na lagoa Dembe, o rio Padron, Ambriz, Bengo, Libongo, Danda, Zanze⁵, Palmeirim, Coanza⁶ sem que se fale em outros muitos riachos, que vem de encontro a estes, e na grande lagoa do Marasvi, que conta léguas; as águas, digo, de que usam são péssimas, porque além de serem aumentadas, ou pelo menos conservadas por esta mesma perene Cacimba, os habitantes de longe se alimentam das águas encharcadas, e depositadas, que aos poucos estão vertendo os pequenos regatos; e quando estes lhes faltam, e deixam de suprir, se valem das águas estagnadas, e detidas nas imundas lagoas, que ali existem, havendo lugares, e sítios, aonde nenhuma outras há senão estas.

⁵ Zanze é um rio que desemboca próximo à cidade de Luanda, aonde se vai buscar a melhor água para seus habitantes, onde também descem em canoas muitos viveres, mantimentos e madeiras, tudo beneficiado pelos pretos.

⁶ Coanza é outro rio que vem de longe desembocar próximo à cidade de S. Paulo de Luanda, no Reino de Angola, pelo qual também se conduzem e descem os mantimentos e as madeiras para a cidade, tudo fabricado pelos pretos.

Nos Pagos, ou Cidadelas, em que habitam, alguns mais vizinhos se valem de uns fossos mais profundos, que chegam a imitar aos nossos poços. Neles por natureza se acham águas, além de sempre tépidas, grossas, betuminosas, e salitrosas, e de ordinário barrentas; o que bastaria para prejudicar a saúde, quando outra coisa mais não concorresse.

Estes povos no seu clima natalício têm toda a liberdade do seu viver, e têm como uma regra inalterável, e sem limites, tão somente a sua vontade. Não obstante esta franqueza do seu viver têm certas leis, ainda que muito poucas, a que vivem circunscritos. Adotam entre os seus costumes a poligamia, e são severos em fazer guardar, e cumprir no seio da sua incultura, para me explicar assim, a fidelidade conjugal.

O caráter destes povos, ainda que vivedores no centro da barbaridade, e do gentilismo, é o serem por gênio resolutos, dóceis, sisudos, e de boa fé, por isso a tudo a que se entregam, e de tudo de que são susceptíveis, são extremosos, e constantes. São amantes em último extremo: são vingativos, quando desenganados lhes dão causa, e motivos para o serem; e por estes motivos sendo capazes do amor, e do ódio, com facilidade trocam um pelo outro, nunca desabridamente por efeitos da inconstância; mas sim pela ardência, auge, e reconhecimento da ofensa. São constantíssimos e fiéis a quem se inclinam, e chegam a estimar; odiosos, com o mesmo extremo a quem chegam a aborrecer, o que melhor, e muito confirmará o que se há de deduzir nas outras partes.

São os pretos da África sadios, fortes, robustos, e de uma boa compleição, e natureza no seu

tanto. Entre outras demonstrações, a que mais por ora nos desengana, e nos convence, vem a ser, que eles na sua minoridade, e ainda já adultos, fazem pôr por enfeite, e sinal em as suas faces muitos lanhos, e estes atravessados, e profundos, cujos golpes chegam quase até ao ossos, sem que passem pelo perigo de vida; o que bem confirmam as infinitas cicatrizes maiores, e menores, que vemos em as faces dos pretos, que da África são transportados para o Brasil, e do Brasil para Portugal.

Estes ditos lanhos não só têm por fim o enfeite e o ornato, que eles presumem; mas também são indicativos da família, de Reino, do presidio, da terra, e do lugar, onde nasceram, e são moradores, como por exemplo, de Ambaque, Ginga, Caçancha, Gólo, Calandula, Chicamba, Mixicongo, Congo, etc.

Suportam ainda mais, que quando são permutados, sofrem o sinal privativo do *Certanejo*, que os leva na escravidão, para serem conhecidos, e achados, no caso da fuga. Ainda de mais lhes cresce, que chegando ao porto marítimo, aonde hão de ser embarcados, e transportados, aí tornam a ser marcados no peito direito com as armas do Rei, e da Nação, de quem ficam sendo vassallos, e vão viver sujeitos na escravidão; cujo sinal a fogo lhes é posto com um instrumento de prata no ato de pagar os direitos, e a esta marca lhe chamam *Carimbo*.

Sofrem de mais outra marca, ou carimbo, que a fogo também lhes manda pôr o privativo senhor deles, debaixo de cujo nome, e negociação, eles são transportados para o Brasil, a qual lhes é posta, ou no peito esquerdo, ou no braço, para também serem conhecidos no caso da fuga, sem que nestes lances a natureza ceda aos martírios.

Estes povos pela maior parte vivem na inércia, e apenas se ocupam em dois únicos trabalhos: primeiro, e principal no da agricultura, plantando o milho, o feijão, o aipim⁷, a mandioca⁸, a malagueta⁹, o gergelim, o mandoim, de que fazem extrair duas espécies de azeite para o seu uso, e consumo, o gengibre, que às vezes mascam, ainda que a maior parte deste gênero lhes é levada do Brasil, e outras mais coisas, quanto eles consideram, que bastam, e que são suficientes para o próprio sustento, e para o de toda a sua família. Segundo no da caça, e esta tão somente quanta precisa seja para o mesmo fim.

Ainda que se acabe de dizer, que os pretos na África se entregam mais a estes dois gêneros de trabalho, como o principal, e o mais preciso para a subsistência da vida, contudo demais se ocupam, e se entretêm no negócio do marfim, e da cera, cujos gêneros permutam por fazendas aos sertanejos.

Entre eles, assim como entre os sertanejos corre o marfim como dinheiro, porque havendo, como há em Luanda, o contrato dele, também há o contratador, que é comprador certo, e que paga o marfim de conta, isto é, o de trinta e dois arráteis para cima, a vinte e oito mil réis o quintal, o meião à razão de dezesseis mil réis o quintal, o miúdo, ou escravelha, isto é, de dezesseis arráteis para baixo, à razão de seis mil e quatrocentos o quintal, tendo

⁷ O *aipim* é uma raiz de palmo até dois palmos que os pretos na África costumam comer cozida. Entre nós corresponde e é semelhante ao nabo e entre eles é como o pão.

⁸ A *mandioca* é uma raiz da mesma natureza, porém de outra espécie, da qual se faz a farinha de pau, a quenga, da qual se falará no lugar competente, e também o enfunge, matete, angu, mingau.

⁹ A *malagueta* é entre outras espécies de pimentas a que muito gostam os pretos, por ser a mais ardente; é encarnada, e a mais pequena das pimentas.

o contrato o privilégio exclusivo para que nenhum outro possa mandar, e transportar marfim para fora.

A cera, de que muito abunda aquele país, porque os pretos costumam tirar o mel, ao que chamam de pão, que é o seu açúcar, igualmente é negociada, e permutada com os sertanejos, e ainda que os pretos a não saibam beneficiar, contudo os sertanejos nos presídios têm as suas caldeiras, nas quais refervem, e a beneficiam de um tal modo, que transportam cera amarela, e branca, tendo cada pão dela 2, 3 e 4 arrobas, que é transportada pelos pretos.

Como pois o seu primeiro desvelo, e o trabalho dos pretos consista na agricultura, como mais necessária para o seu viver, e estabilidade; diremos alguma coisa sobre ela. De um modo célebre fazem a cultura dos campos, e a plantação do que necessitam. São tão inertes, e tão pouco industriosos, que sendo lavrada a terra com umas pás de ferro, que são as suas enxadas, serviço este, em que se ocupam todos os da família indistintamente, entre estes só três são os que semeiam. Um destes vai adiante com um pau, que leva um ferro na ponta, o qual se crava na terra: o segundo, que logo se segue, lança nesta cova a semente do que querem plantar: o terceiro, que vai em último lugar, com o pé cobre de terra a semente, e desta sorte fazem uma plantação, a que chamam a *corda*, a qual crescendo se deixa ver toda em carreiras. Em socorro da agricultura, além das chuvas, que é no que consiste o seu inverno por pouco tempo, nada mais apreciável há, do que o orvalho da noite, ao que lhe chamam *cacibo*, e outros *cacimba*, que para este intento é essencial, pois que a ela se deve a fertilidade dos campos.

Como pois um dos trabalhos, e o segundo, em que se empregam aqueles habitantes, é o da caça, deve saber-se, que amanhecendo, logo o homem preto se arma do arco grande, e do pequeno, e da espingarda. Para a grande leva flechas de ferro, e estas finas; e para a pequeno, que é o *Bodoque*¹⁰, balas de barro. Com o arco grande mata a caça grossa, com o pequeno, e com a espingarda a caça miúda; e tendo-a suficiente para 1, 2, 3, dias, retira-se, e volta para o seu domicílio. Se no ato de caçar matou elefante com o arco grande, e com as feitas de barro, ou ainda com a *Zagaia*¹¹, que também leva, dele tira quanto pode trazer, e dá parte aos circunvizinhos para no outro dia irem buscar o resto, pertencendo ao caçador as partes, que eles têm por mais delicadas, como são as pontas, ao que impropriamente se chama *dentes de marfim*, e *as escravelhas que vem a ser os dentes deles*.

Em dois, e três dias, que dura a caça, que se trouxera, em nada mais trabalham. Ao cuidado das mulheres, e da família, fica o pensar a caça ao seu modo, e gosto. À exceção desta, de algumas galinhas, e de alguns porcos, que criam em as suas cortelhas, isto é, em uns pequenos currais, desconhecem ou-

¹⁰ O *bodoque* é um arco, como da rebeça; porém muito maior, feito da madeira mais forte que se pode achar. Das extremidades do arco saem duas cordas paralelas, e entre uma, e outra, no meio da corda e faz uma pequena rede, aonde se deposita a bala de barro. Comprimindo-se o arco com a expedição da bala e feita a pontaria, o caçador mata a caça que quer.

¹¹ A *zagaia* é um ferro que na extremidade tem uma ponta com duas rebarbas, como de anzol, e como um dos dentes do garfo da fiska, que no Brasil, na pesca das baleias, chamam *arpuão*. Este ferro costuma ter na extremidade um pau, ao qual está presa uma corda, cuja ponta fica com o caçador. Com esta *zagaia* na caça grossa, como do elefante, faz tantos tiros, quantos são suficientes para matar, chamando a si pelo meio da corda a *zagaia*, depois de empregada tantas vezes quanto quer, são suficientes para a mesma caça.

tras carnes, assim como o peixe, que muito pouco para tantos se cria nas suas pequenas lagoas; e se o provam com maior abundância, é daquele, que salgado, por negociação se leva dos portos marítimos para os sertões.

Estes mesmos povos africanos no centro da sua rusticidade pouco uso fazem da comida das ervas, de forma que muito poucos as comem cruas; alguns mais porém usam delas cozidas, e temperadas com azeite do seu país, e com a pimenta, e as comem acompanhadas do seu pão, e por isto, esta qualidade de comida a lançamos em o número de um dos seus alimentos.

Nos contornos, e proximidades dois portos marítimos na África, na distância de um, até dois dias de jornada há todo o gênero de hortaliça ordinária, de que usamos; assim como também dos legumes, em cuja classe entram as abóboras, de que eles muito gostam; porém quanto mais se vai alongando a viagem pela terra dentro, em maior número de dias a hortaliça mansa, como são as couves, o repolho, a alface, e toda a mais vai desaparecendo.

Os pretos na África algum uso fazem das frutas; porém nunca com grande abundância, porque muito poucas têm. Todas elas pela maior parte são frutas bravas, e as que mais alimentam são dos *arafás* de toda a espécie (que correspondem às nossas pêras), e mais do arafá chamado *guoijabá*, e ainda em mais abundância dos cocos, e *Dendês*, de que logo falaremos. Além destas frutas, há outras, a que podemos chamar mansas, como são as laranjas, as bananas, e os ananases, que todas desaparecem segundo a distância.

As casas da moradia, e da habitação dos pretos na África são cobertas umas de palha brava, e comprida, e outras das folhas dos coqueiros¹², com paredes de fora de taipa¹³ ao que no Brasil chamam *sanzalas* ou *palhoças*¹⁴ à imitação das cabanas, que se acham situadas na Trafaria, e na nossa costa.

Nada despendem os pretos na África na construção destas suas ditas casas; porque ajuntando, e cortando com o tempo a palha, e a madeira precisa, são por um comum acordo convocados os vizinhos para esta dita construção, o que reciprocamente se faz também a qualquer dos outros, quando querem construir.

Nestas mesmas casas a primeira que é a principal, e a maior, está dos lados cercada dos *Giráus*¹⁵,

¹² O *coqueiro* é uma árvore bem semelhante à palmeira, com a diferença de ser muito mais elevada e mais grossa. Se assina sua elevação segundo a altura e os anos. As folhas também são a imitação da mesma palmeira com a diferença de serem de 12 a 20 palmos de comprido cada uma, e a espadana muito mais larga.

¹³ *Taipa* é uma parede de barro, que se faz da seguinte maneira: espetam-se ou fincam-se certos paus a prumo na terra na distância de 2 até 3 palmos, e nestes paus por fora, e por dentro se atravessam varas finas, que são presas aos paus arrumados com juncos ou vimes, ao que no Brasil chamam *cipó*, e continuando neste gradamento de palmo a palmo desencontrado da gradação de dentro, pelo comprimento, e altura da casa, o vão do pau, do gradamento é cheio de barro amassado, e este fino, que secando formaliza uma perfeita parede.

¹⁴ *Sanzala*, ou palhoça no Brasil, é casa de preto, que mora no campo, na roça ou no engenho, a qual é coberta também de palha, e tem algumas das paredes de fora de taipa, e outras têm as paredes de fora simplesmente da palha do mesmo coqueiro, que se vai prendendo ao gradamento das varas, assim como é costume fazer o telhado, ou cobertura, com a mesma palha também presa no gradamento superior.

¹⁵ *Giráu* vem ser quatro forquilhas de pau que se cravam na terra com a altura da cama, que se quer fazer; e de umas forquilhas a outras se passam travessas, que são amarradas ns mesmas forquilhas pelos cipós, em cujas travessas vêm prender com o mesmo cipó muitas varas, que juntas umas às outras, formalizam um como estrado, sobre o qual se lança a cama dos pretos, e por isso o *Giráu* na língua da terra se chama cama de preto.

sobre os quais se lança a palha para as camas dos pretos. No meio dessa mesma casa está a cozinha, que consiste em uma fogueira, aonde se coze, e se assa a comida, e ao redor dela, não obstante a ardência do clima, estão assentados os da família, e as visitas a tomar o calor, enquanto a fogueira dura, a qual lhes serve de luz, e por isso ao por-do-sol se acende até ao amanhecer, e quando de dia a fogueira lhes falta, se vão assentar ao sol.

Em um, e outro lugar sempre estão a *cachimbar*, e cheios de prazer, porque então nada lhes falta, é aonde fazem as suas cantilenas, e festins, que são acompanhadas do *atabaque*¹⁶, do *Canzá*¹⁷ do pandeiro, da marimba¹⁸, dos berimbaus, das castanholas, do bater

¹⁶ *Atabaque* é um quadrado de madeira à imitação de um meio alqueire; porém da altura de um quarto de palmo, que na parte superior e interior é coberta da pele numa grade espichada pelo carnal dos animais, que eles têm caçado; cujo instrumento faz o som de um pequeno tambor; quando em uma, e outra parte, alternativamente, tocam os pretos com uns pequenos paus, ou ainda com a mão, e extraem o som, que querem, pela maior ou menor pancada.

¹⁷ *Canzá* é outro instrumento dos pretos; ele se faz de um gomo de canas bravas, que na linguagem do Brasil chamam *Tabócas*; cujo gomo tem de comprido 3 e 4 palmos, e palmo e meio de circunferência. Abrem uma fenda no meio do lado deste tubo, ficando porém nas suas extremidades sempre fechado pelos nós dos outros gomos, pelos quais este se cortará; pela superfície deles fazem com ferros umas graduadas escalas, e estas profundas de linha, em linha; de corte, que correndo-se com um pequeno pau, que tem a figura de um dos nossos fusos, para baixo, e para cima, segundo a força, que lhe aplicam, extraem um novo som, que serve de segunda ao atabaque.

¹⁸ *Marimba* é outro instrumento dos pretos, que é formado do modo seguinte: entre dois arcos semicirculares de pau fazer tantas *cambucas* ou *cuités*, que correspondem no feitio aos nossos cabaços, quantos são os sons graduados, que querem dar a este instrumento. A parte superior das sobreditas *cambucas*, ou *cuités* são circularmente cortadas, bem como os cocos, que já vêm feitos, e trabalhados do Brasil, e postas em ordem com prisão, pela meia circunferência do arco, fazem pôr transversalmente umas pequenas tábuas em falso, bem semelhantes às teclas dos cravos; e sendo estas furadas pelo meio, fazem passar e enfiar uma corda, que vai prender nas extremidades do arco, cujas tabelas vêm tapar, ainda que em falso, a boca dos tubos ou *combucas*, dando com umas espécies de vaquetas, ou paus

das palmas côncavas, dos estalos de boca, de gemidos, e de diferentes formas de assobios, que arbitrariamente por eles são inventados com muita variedade.

Eles se sustentam de feijão cozido, o qual é temperado com sal de pedra, que tem a cor amarela, e é tirado da terra em Dembo, e levado pelos sertanejos, cujo gênero entre eles é de tanto consumo, que faz um dos artigos da sua permutação. Temperam esse mesmo feijão com uma espécie de azeite, chamado de coco, que é bem semelhante ao nosso azeite das oliveiras. Também algumas vezes, ainda que menos, o temperam com o outro azeite, chamado de *Dendê*¹⁹, e demais que ajuntam a pimenta malagueta.

Também se nutrem com o milho primeiramente pisado, e depois cozido, de que fazem várias comidas. Uma delas consiste em quebrarem a pilão o milho depois de cozido, de sorte, que separando-lhe a casca, fica partido, e o temperam com o mesmo sal, azeite, e pimenta.

pequenos nas teclas, que querem, segundo a maioridade da pancada, e, do tubo, passando de uns a outros rapidamente, conseguem diversos sons. Na extremidade do arco há uma corda bamba, que passa pelo pescoço do preto, que vai prender na outra extremidade, a qual serve de pôr a marimba na altura, que querem para a tocar, e para a transportar.

¹⁹ *Dendê* é uma árvore, ou uma espécie de coqueiro, que tem 5 a 6 palmos de grosso, com as folhas semelhantes às da palmeira; porém muito grandes, e largas. No pé das folhas próximas ao olho, os palmitos saem em grandes cachos, que pesam de duas a três arrobas, como os da uva, e na circunferência de todo este grande cacho estão apinhados um sem número de frutos, que começando na grandeza do pequenos peros, no espaço e intervalo da união de uns a outras, estão outros muito mais pequenos, que acabam no tamanho de amêndoas. Este fruto começando preto, acaba amarelo cor de açafão, e quando assim está se considera maduro. É carnudo, como os pequenos pêssegos, tendo por caroço uns pequenos cocos, que quebrados também se comem. Cortado este cacho, tiram-se os frutos, e estes primeiramente se cozem e depois se pisam, e separada deste modo a massa oleosa do caroço, se põem a ferver e da superfície da água se vai tirando com abundância este gostosíssimo azeite, que conserva a mesma cor do açafão.

Reduzem esse mesmo milho, a uma espécie de farinha, e cozinhando-a simplesmente na consistência de pão mal cozido, a isto chamam na língua da terra *Anfunge*, e na do Brasil, *cuscuz*. Esta mesma farinha bem apurada, e levada ao estado da maior perfeição, o que chamam *Fubá*, com ela se fazem umas adelgadas papas, também simplesmente cozidas, que mais se bebem, do que se comem, as quais são dadas aos doentes, ao que na língua da terra lhe chamam *Matete*. Também o *Anfunge*, como o *matete*, também se costuma fazer da farinha chamada de pau, e da mandioca, o que se chama *Angu* e *Mingau*.

Quebrado ao pilão o mesmo milho sem ser cozido o deitam de molho por alguns dias, o qual fermentando, dele resulta uma espécie de cerveja azeda, e quase avinagrada, que muito os pretos dela usam em lugar de vinho, ou de aguardente, e a ela tanto se costumam entregar, que os chega a embebedar, e na língua da terra lhe chamam *Aluá*; porém quando nos seus sertões aparece a cachaça, aguardente do Brasil, ao que lhe chamam *Giribitá*, preferem esta bebida à outra.

Continuando-se na descrição do pão, de que os pretos usam, vem a ser um deles, além do *aipim*, também a mandioca, de que fazem a farinha chamada de *pau*²⁰ e a *quenga*²¹.

²⁰ A *farinha de pau* vem a ser a raiz da mandioca ralada, a qual depois de se achar neste estado, é metida nos *tapitis*, que são sacos tecidos de palha, bem como a dos abanos, cujos sacos pendurados se põem com pesos a escorrer; a sua umidade, e o suco que ela deita, é a goma do Brasil. Depois de um ou dois dias é esta farinha tirada dos *tapitis*, e posta a torrar-se em uma grande frigideira de barro, que leva muitos alqueires, a qual sucessivamente se mexe, até que fique torrada na sua consistência.

²¹ *Quenga*, é feita da raiz também da mandioca da maneira e modo seguinte: deita-se uma certa porção da raiz da mandioca de molho em água, aonde se conserva por 5 dias para o fim de amolecer e largar a casca e quando a larga se chama *mandioca puba*. Pelo espaço de 8 dias já sem casca se deixa estar mais de molho, e depois deles se põem a secar ao sol e a isto é que no Brasil se chama *carimã*. Pisada ela, e temperada com o sal, a isto é que chamam *quenga*, e no Brasil *mingau*.

Além disto também costumam torrar o milho, bem como nós assamos as castanhas, e depois dele entrar a abrir, e a estalar, o julgam assado, ao que no Brasil lhe chamam *Pipoca*: este milho antes de se torrar é molhado, e salpicado de sal, para que tome o gosto dele, o que igualmente se faz ao feijão, quando também se torra²².

Estando pois preparado qualquer destes gêneros do seu diverso pão, passam os pretos a temperarem um molho muito salgado, e muito ardente pela muita malagueta, que moem, no qual vão molhando aos poucos a carne.

No seu vestuário são os pretos na África muito parcos, porque andam quase nus. A dois retalhos de fazenda reduz a compostura dos indivíduos de ambos os sexos; um que os cobre da cintura até ao meio da perna, dando volta ao redor da cintura que se ata com um ourelo, ao que chamam *Tangas*; outro que do pescoço sendo atado por baixo dos braços, vem até aos joelhos, ao que chamam *Molele*, e lhes serve de lençol, e quando assim não trazem atado, trazem como manta por cima do ombro direito, indo atravessar e sobrepor por baixo do ombro esquerdo.

²² Tanto do milho, como do feijão, e ainda do arroz, que pouco gastam, sendo tudo pisado e reduzido a farinha fazem outras muitas comidas, como é o *Abrem*, a *Pamonha*, a *Caragem*, a *Cangicu*, e o *Acacan*; desse mesmo milho, e farinha de pau torrada ajuntando-se-lhe sal, quanto tempere, *mendubim*, gergelim, e algum açúcar, sendo tudo torrado, e pisado de tal sorte, que se reduza a mais fina farinha: a esta comida savorosíssima chamam *fubá* de milho, *fubá* de farinha, de cujas comidas abunda o Brasil.

As fazendas, que os pretos na África costumam fazer suas, pelas permutações para este intento, são as fazendas grossas, vindas do Malabar, a que mesmo chamam fazenda de preto. Além de todas estas são as baetas, serafinas, crés, e a linhagem.

Além destes costumam trazer as suas tangas de um tecido de palhinha muito fina e macia, com que suprem as fazendas mencionadas.

Capítulo 2

Do modo, das causas, da origem e do princípio por que os pretos da África são desapossados da sua apreciável liberdade.

Ainda que os pretos africanos vivam na franqueza, e na liberdade dos seus costumes, tendo por melhor lei a sua única vontade, contudo, nós já dissemos, que haviam, ainda que poucas, umas certas leis, a que eles estavam adstriticamente sujeitos.

Segundo elas, seis vêm a ser os modos, pelos quais os pretos africanos são metidos, e adstringidos ao cativo: o quinto, e o sexto modo porém não pode ser delas derivado, porque tem princípio na piratagem, na força, e na traição pela maior parte, e no ânimo, e vontade dos pais, e dos maridos, quando castigam as mulheres, e os filhos.

Já também dissemos, que esses povos incultos adotavam a poligamia. Entre eles, segundo as suas leis constituídas, vem a ser o maior, e o primeiro dos crimes o misturar-se alguém com a mulher, que está adstrita por outro no número das suas concubinas. No centro da África é ouvida a interrogação de Juvenal, achada na Sat. 2 vers. 37, aonde agora Lei Júlia *de adulteriis*? Dormes? Respondem os africanos, que não; porque provado o crime o réu é castigado.

Para este fim, assim como para outros, os africanos de entre si em cada um dos presídios têm escolhido um seu Juiz, a quem chamam *Sobas*, para os julgar. Nesses mesmos presídios se acham também Capitães-Mores, que são postos por patentes dos Governadores das terras, e cidades marítimas. Esses Capitães-Mores têm uns certos homens da terra, pretos com vezes de soldados, a quem por paga, se lhes dá uma farda anual. O dito Capitão-Mor muitas vezes, e de ordinário se incorpora ao *Soba*, e o ajuda a julgar. A pena última em aquele continente é a escravidão, e havendo causa civil, ou crime cometido, interrogadas as testemunhas, é o devedor,

e o adúlterador julgado ao credor, e ao ofendido, que os pode vender como seus, porque pelo juízo da sentença proferida, ficarão sendo servos da pena.

Entre aqueles povos há o costume, e o regresso, de que quando qualquer é condenado ao cativo, pode este nomear alguns, que por ele vão sofrer a escravidão; porém isto só se entende sobre aqueles, a que ele tem direito, como por exemplo, pode nomear os filhos, as mulheres, e os sobrinhos.

Eis aqui conservado na sua simplicidade, e achado o instituto de Rômulo, referido por Dion. Halic. no Lib. II. Cap. 27, e por Jac. Gothofred, ad Leg. XII. Tab. 4, pelo qual se permitia ao pai dar, e entregar o filho à *nox*a, e vendê-lo por três vezes.

As mulheres porém, que são adúlteras, e adjudicadas à sua culpa, e ao credor com escravidão, não têm direito de poder dar substituidor, nomear, e pôr algum outro por si, porque entre eles se julga, que não têm a quem nomear. Eis aqui sustentando outro costume dos Romanos, e deles transferido a nós, que as mulheres são princípios, e fins de família.

Feita pois assim deste modo a nomeação pelo condenado, que só se lhe aceita em mais pessoas, do que uma, até 6, 7, 8, e mais, segundo, a gravidade do delito, e maioria da dívida, os que são nomeados, vão sendo logo metidos em ferros, e se faz a divisão, e repartição desses novos cativos entre os *Sobas*, e os ofendidos, ou credores, e cada um deles pode permutar os escravos, que lhe foram aplicados, apropriados e adjudicados.

Quando alguns dos pretos são vistos, e apanhados em seara alheia, roubando os frutos, e levando o que não é seu, provado o crime na presença do *Soba*, é julgado à escravidão, podendo

também fazer a nomeação das pessoas, de que já fizemos menção. Eis aqui em um país inculto postos em prática os Capítulos da lei Aquilis, que eles desconhecem inteiramente.

Quando um Reino faz guerra a outro Reino, e vem a ser vencedor, tendo o direito de matar os vencidos, trocam estes seus direitos nos da escravidão, podendo-os por isso mesmo permutar. Eis aqui no centro do gentilismo mais bem desempenhados os direitos da guerra.

O quinto modo, pelo qual o homem livre é inocentemente trazido, e obrigado à escravidão, é pela força, e aleivosia. Quando certos piratas de entre eles persuadem, e levam aos outros enganadamente a certos sítios, e aí lançando-se a quem querem fazer cativo, os prendem, e os vão vender aos sertanejos, quando estes estão em lugares certos a permutar escravos, como em feiras, o que de ordinário, vem a suceder aos de menoridade por serem mais suscetíveis do engano, e da fraude, expondo-se por isso mesmo à aleivosia, o que assim já não sucede tanto aos adultos; e provando-se esse mesmo crime, os piratas são julgados pelos *Sobas* a outra tanta escravidão. Eis aqui entre eles postos em prática, e observada a pena de Talião.

Algumas vezes sucede, que os pais de famílias necessitados, querendo castigar os filhos, e as suas concubinas voluntariamente sem pena, e sem castigo, vão permutar aos sertanejos as suas mesmas concubinas, e filhos, entregando-os à escravidão. Eis aqui o Pátrio poder, e o direito marital, de que há vestígios na jurisprudência dos Romanos, e na nossa, elevado ao seu último grau, e mais benigno do que entre eles no gentilismo pela exclusão *Vitae et necis*.

Capítulo 3

*Subdividido nas três idades da mesma
escravidão; da lastimosa situação dos
pretos escravos.*

Primeira idade da escravidão dos pretos na África, principiada de quando a ela são julgados, e finalizada quando em os portos marítimos da mesma África são revendidos, e transportados para fora.

Reduzido o homem preto livre à escravidão na África, ou porque a ela assim foi julgado, ou por efeitos da piratagem, e de aleivosia, como fica dito, é o indivíduo da espécie humana o mais infeliz, que se pode considerar; porque desde logo é lançado a ferros, aonde só come o que os primeiros inimigos da humanidade, e tiranos lhe querem dar.

Em aquele instante, e momento, em que perdeu a liberdade, perdeu também tudo quanto lhe era bom, aprazível, e gostoso. À vista do que eles entram a suportar, que coisa foi o extermínio de Adão lançado fora do Paraíso!

Como pois todos aqueles presídios, ainda que dilatados pela terra dentro na distância de 100, 200, 300 e mais léguas, como é Ambaque¹³, e outros são certos, e aí de contínuo se supõem haver alguns pretos escravos, já julgados, represados, e detidos para serem permutados; há uns sertanejos, que em umas partes se chamam *Funidores*, e em outras *Tumberos*¹⁴ que sempre andam jornando por todos aqueles sertões para o fim de permutarem os escravos condenados ao cativoiro pelo troco dos

¹³ *Ambaque* é um presídio pelo qual se vai para Benguela e se gasta 6 meses de jornada, e para cima de Ambaque, ainda há presídios, donde no retorno com a escravatura se gasta muito mais tempo. Nota - Trata-se do presídio de Ambaoca.

¹⁴ *Funidores*, ou *Tumberos*, são homens pretos livres, que vivem e andam no tráfico de permutar escravos, nos sertões, e nos presídios pelos gêneros que eles levam e transportam em o seu comboio que se compõem de perto de 100 pretos carregados.

gêneros, e das fazendas já referidas, e por aquelas, que eles mais estimam com acréscimo da miçanga, do coral, do tabaco, da giribita, de alguns instrumentos de ferro de que eles usam, e das espingardas, pólvoras, e chumbo.

Feita pois a permutação, o ato da posse, e da tradição da coisa comprada, é cruel, porque os *Funidores*, ou *Tumberos* em suas Mampas, ou cargas, já trazem como de reserva o necessário Libambo¹⁵, e os escravos saem do tronco¹⁶, do grilhão, ou de outro qualquer modo de prisão para o *Libambo*.

Nesta corrente de ferro, vão-se prendendo de pouco em pouco espaço cada um dos pretos escravos da maneira, e modo seguinte: pelo anel da corrente no espaço competente fazem os sarta-

¹⁵ *Libambo* é uma corrente de ferro de meia polegada de grosso na qual se vão prendendo os escravos que se vão permutando. Há libambo que traz 100 escravos; porém, os ordinários são de 30 escravos, o que é arbitrário, porque os sertanejos aumentam e diminuem como querem pelo meio de emenda com argolas.

¹⁶ O *Tronco* é uma prisão em que se metem os pretos escravos, o qual é construído da maneira e modo seguinte: escolhida uma prancha da madeira mais pesada, e mais forte que tenha pelo menos meio palmo de grossura e 3 de largura, em uma linha, que se passa pelo meio da largura se fazem de pouca em pouca distância vários círculos vazados; uns da grossura que poderá ter qualquer pescoço; outros da grossura que pode ter quaisquer pernas; e outros da grossura de qualquer pulsos. Pela linha, que se traçara para este fim, é serrado o pranchão e dividido ele, em uma extremidade se prega urna macha-fêmea, cuja metade vai prender e pregar na outra parte da prancha que se partira, e isto em um dos topos; esta prancha, posto que serrada, porém presa com a macha-fêmea é assentada no seu comprimento sobre dois toros de madeira, que lhe servem de pés, onde têm o encaixe da grossura da madeira, para que a prancha neles entre, e fique assentada. Nesse tronco, assim construído quando o crime é grande, e se quer ter o escravo mais seguro, sendo o tronco aberto, se mete a cabeça do escravo e juntamente as canas dos braços nos outros círculos, e este fica deitado, e preso, pela metade da dita prancha, que sobrecai. A outra extremidade da prancha, depois de efetuada a prisão, fica segura além do peso, com um ferrolho e chave. Quando o crime é menor, o escravo fica preso por um pé tão somente.

nejos, e os do comboio passar um pedaço de ferro, e com ele à força de pancada fazem outro anel, em que sobrepondo as pontas de ferro uma à outra fica a mão do escravo presa, e metida nesta nova argola. De ordinário é o libambo lançado na mão direita; porque temem os funidores, que ficando livre a mão direita, podem os escravos com algum outro ferro, ou ainda com pau abrir o anel, que os prende. O libambo das escravas é outro: vem em separado, e soltas as crianças, a que indistintamente se dá o nome de *crias*.

Quando os funidores têm informação tirada no presídio, ou de quem o permutou, que o escravo é revoltoso, e resolutu demais, lhe lançam o libambo, e o anel da prisão pelo pescoço, e muitas vezes sucede, que pelo temor destes escravos, trazem o libambo no pescoço, e mão.

Só a imaginação pode suprir em considerar os tratos, que os escravos sofrem quando deste modo são metidos no referido libambo, e alguns há, que temendo a dureza dele, o degredo, o desterro, e a insciência para onde são conduzidos, resistem, e para serem nela metidos, são lançados por terra.

Os sertanejos, ou funidores, vão passando de presídio em presídio, levando consigo e no comboio os escravos que têm permutado. Deste desterro, e peregrinação, vão sofrendo os escravos permutados mil inclemências. Cada um deles leva às costas, o *Carapetal*, isto é, o saco do farnel, que o sertanejo tem comprado para eles se sustentarem até chegarem ao outro presídio, aonde se refazem de novos gêneros.

Concluída a permutação de escravos, e negociada toda a fazenda, e carga do comboio, os escravos

permutados de novo são carregados com o farnel, ou carapetal, que seja suficiente para vencer a terra, e o lugar da outra refeição. Esta jornada trabalhosa, e cruel, dura pelo espaço de 1 a 6, 7 e 8 meses. Nela não bebem água quando querem, só quando vencem a distância dos charcos, e das lagoas. Acampam-se aonde lhes destina o funidor, ou sertanejo. A sua cama é o chão. O teto da casa o céu; e o lençol, com que se cobrem são as folhas das árvores, que nem chegam, nem cobrem a todos. A cacimba destila, e chove sobre eles. O seu travesseiro é o tronco das árvores, e os corpos dos outros. Assentado o arraial, e postos os escravos em círculo, se acende no centro uma fogueira para dar calor a todos, o que lhes serve de luz, a qual dura até amanhecer, tempo em que prosseguem a jornada, depois de haverem apenas amornado a terra com o seu calor e transpiração.

Passam as noites em uma quase madorna, e vigílias, porque ainda nas horas destinadas para o descanso, e para o sono, continuamente estão sendo acordados pelas sentinelas dos mais pretos do comboio, que metendo guarda, os vigiam, e lhes gritam, temendo um levante, que tanto os assusta, quando aliás os comboiados cansados, e maltratados, estão mais para dormir, e para morrer, do que para resistir; tudo nascido do prejuízo, de que estando tantos escravos assim unidos, pedem uns abrir a argola, que prende os outros ao libambo. E ainda por outro maior prejuízo, e este a todos comum, de que os escravos cativos conhecem a erva, que faz amaciar, e estalar o ferro.

Este prejuízo não pode ter o seu princípio, senão em uma mera preocupação, e no terror pânico porque tendo vindo de toda aquela África

milhares de escravos, que posteriormente se conservam na graça, na amizade, na fidelidade, e no amor dos seus senhores, estes sendo interrogados, escarnecem dos prejuízos daqueles, que assim o afirmam, e crêem. Não é crível, se tanto entre eles se cogitasse, ou pudesse ter o menor lugar, que tantos milhares de pessoas guardassem esse segredo, que desde então até hoje o deixassem de descobrir ao tempo, em que já não temem a atrocidade dos funidores, e sertanejos.

Nesta infeliz época tudo concorre para serem maltratados estes nossos semelhantes. Tudo lhes é escasso, e quanto se lhes dá, além de ser mal temperado, mal cozido, mal assado, é de má vontade; porque tem uma pequena, e curta ração, tanta quanta seja simplesmente para os conservar viventes. Nisto entram os sertanejos obrigados de diversos fins.

Primeiro, porque despendendo mais no sustento da escravatura, se persuadem, que o seu negócio não é vantajoso, e que esta lhe vem a ficar mais cara, quando aliás muita lhe morre. Segundo, porque na distância de presídio, em presídio se faz necessário reger com economia o sustento, de sorte que se possa vencer a distância do outro presídio para outra refeição, o que menos de ordinário acontece. Terceiro, porque cada um dos escravos na jornada não pode carregar mais alimento do que carrega, enfraquecido pela jornada, e pelo mau trato.

Por essa mesma causa a comida, que para eles se faz, é desagradável e insípida; pois que lhes faltam os temperos necessários, e entre eles o mais preciso, e o mais principal, o do sal, que por ser pesado, os carrega muito. A razão por que a sua comida é mal cozida, e mal assada, é porque nas jornadas tudo é

feito de levante, e esta não passa de milho, do feijão, e da farinha-de-pau, tudo mal feito, e aferventado. Neste degredo, e peregrinação, raríssimas vezes provam do seu Anfunge Matete, e Quenga, de que são apaixonados. Falta-lhes a pimenta, falta-lhes o azeite, sem o que comem para não morrer. Nesta situação com a lembrança dos cômodos do seu país, comem, bebem, dormem, e vivem desgostosos.

Entre os mesmos escravos se observa outra officiosidade, e caridade, que se não observa nos sertanejos, e em quaisquer dos outros homens livres; porque se o homem escravo em o seu carapetal, ou farnel, traz a pimenta, a giribita, e o azeite, ele faz muito para repartir com os outros da sua mesma condição.

Ainda que na jornada liga o escravo, que está doente, que não pode prosseguir nela, ele é tido por mentiroso, de sorte, que em vez de se tratar do curativo, e da melhoração dele, é espancado para o fazerem marchar, de sorte, que metidos os escravos em o libambo, ou eles devem prosseguir na jornada, e destino, quer possam, quer não possam; ou devem perecer no libambo, como muitas vezes succede, vindo a ser vítima infeliz daqueles, que neles negociam.

Segunda idade da escravidão dos pretos na África, principiada quando eles são entregues nos portos marítimos aos negociantes, e comissários, que os fazem seus; e finalizada quando são desembarcados no Ultramar.

Quando esta porção de escravatura trazida de muitas partes, e por diversos sertanejos nos portos marítimos da África chegam ali, são negociados, e

segunda vez permutados por fazendas, e por gêneros, a muitos comissários, ou comerciantes, que ali têm casa de negócio assentada para este fim: fazendo a escravatura sua por esta troca, a conserva por tempos no mesmo libambo, e quando assim não são conservados, são metidos e enclausurados em um pátio seguro, térreo, e guarnecido de altas paredes, que não podem pela mesma escravatura ser saltadas.

Aqui tem lugar as segundas inclemências, que entram a sofrer, e a suportar estes infelizes homens, que por estes novos tiranos são pessimamente, e com outra tanta economia maltratados, e para com eles passam como uns meros, e simples animais, esquecidos de todo da natureza humana, porque o pavimento da casa, e sala da habitação da escravatura, é o simples chão do pátio, ficando ali exposto às inclemências, e ao rigor do tempo, e de noite apenas há um telheiro, e umas grandes lojas, ou armazéns também térreos, aonde, como o gado, é recolhida.

A razão lhe continua a ser escassa do mesmo modo, e sem tempero algum, à exceção do sal, que em portos marítimos já há em maior abundância. Como em estes portos marítimos há carne, e ainda que a haja seja cara, não a compram para a dar à escravatura, e o alimento desta se reduz ao feijão mal cozido, umas vezes, outras ao milho também cozido, outras finalmente ao feijão misturado com o milho por variedade. Ajuntam-lhe demais à comida uma pequena parte de peixe salgado, de que abunda Luanda, e o Reino de Angola e todos os mais portos marítimos na África pela extração do azeite para o seu uso, e iluminação, cujo peixe por ser reimoso, frequente, e continuado, é, prejudicial à saúde. Por

variedade lhe costumam dar a savelha, que sendo um peixe miúdo, e barato, muito mais do que entre nós a sardinha, porque também é reimoso, lhe prejudica a saúde, e com tanta infalibilidade, que os habitantes estabelecidos naqueles portos fogem de o comer, e deles se abstêm pelo reconhecido prejuízo que lhes causa.

Apenas por se achar a escravatura vizinha ao mar, a mandam em pelotões, e em corjas, a que lhe chamam *lotes*, depois de almoçarem pelas dez horas do dia, lavar ao mar. Com a escravatura não despendem vestuário algum, porque lhe fazem conservar o pouco, que ela traz, e se este lhe falta, permanecem quase nua, e porque também não querem entrar com ela em despesa, tanto por se persuadirem, que a escravatura lhes fica mais cara, como porque cada hora a esperam negociar, e permutar com aqueles, que a hão de transportar para o Brasil.

Nesta miserável situação e economia se conserva por semanas, por meses, a consternada escravatura, e é indizível a grande quantidade dela que morre, de sorte, que descendo a Luanda em cada um ano de 10 a 12 mil escravos, muitas vezes sucede, que só chegam a ser transportados de 6 a 7 mil para o Brasil. Entrando-se neste cálculo por toda a costa do leste, ele não é bastante para enganar aos comissários, que ali estão de estada negociando em escravatura, que o mau trato, que se lhe continua quando ela chega cansada, e destroçada de urna tão longa viagem, é a causa primitiva, e original de tanta mortandade. Melhor seria, proveitoso a ela, e a esta porção de humanidade desgraçada, que em vez de negociarem anualmente cada um deles em 500 a 600 escravos,

até 1000, só negociassem de 100 a 200, contanto que fossem tratados e estimados como deviam ser. Porém isto lhes não convém; é oposto à sórdida mercancia, que só tem por fins receber, e vender muitos, apesar das opressões dos seus semelhantes; e para sustentar este indigno comércio, tem como gênero o *fôlego humano*, sem que neles se lhes possa entranhar pela força da experiência, que esse mesmo fôlego não pode existir, e durar, faltando-se à escravatura com o preciso, o qual só tem por certo o mau trato, a indigência, a fome e a miséria.

Como pois aquele giro de comércio por eles se chama florente, uma vez que recebem a escravatura, e logo a passam, e a entregam aos que ali em navios vão negociar, permutar, e fazer escravos; pouco importa a estes comissários os cômodos da mesma escravatura, e a ressalva da fraude dela: do que bem se infere, que o dolo, a fraude, e o engano, pela exposição do gênero tem todo o lugar nos contratos desta natureza.

Esta porção de escravatura, que se vai apurando de mão em mão com resistência a tantos contratempos referidos, de que vai escapando pela força da robustez, e da compleição, entregue aos capitães dos navios, que por último a permutam, é metida, e fechada debaixo da escotilha do navio transportador. Estes querendo adiantar também com igual, ou ainda maior unanimidade os seus interesses, se propõem a três fins: 1º) o de permutar, e de fazer sua a escravatura pelo mais barato que possa ser: 2º) o de meter, e o de transportar em um pequeno casco, quanto lhes seja possível, a maior porção dela: 3º) que com ela despenda o menos, que possa ser no seu transporte. Desempenhando

com crueldade, e com desumanidade estes três fins, se vangloriam, apesar da tirania, de haverem feito uma grande negociação.

Metidos os pretos escravos na costa da África debaixo da escotilha, e aferrolhados, ainda aí se observa a maior força da sua robustez, e o quanto é boa a sua compleição, porque aí lhes entra a faltartudo o mais do que em terra. Em primeiro lugar sendo metidos 200 e 300 escravos na coberta, e na escotilha, lhes falta a respiração, porque nada mais têm por onde o ar lhes passa comunicar, senão pela pequena grade da escotilha, e por umas pequenas frestas quadradas, e estas tão pequenas, que nem a cabeça lhes cabe.

Esta falta de ar é reconhecida, confessada, até experimentada pelos mesmos tiranos capitães, que de vez em quando, se os dias são calmosos, lembrando-se mais dos seus interesses, do que da humanidade, mandam armar uma manga, ou *ventilador*, que prende no cesto da gávea, que sendo de pano cosido, formaliza um tubo, para que da parte mais superior se refaçam de um novo ar.

Como pois os referidos escravos ali venham como metidos em uma boceta, e a transpiração de muitos é certa, e esta aumentada pela ardência, e situação dos graus, por onde navegam, e pelas partículas salinas do mar, que de dia, e noite os cerca, tudo isto faz um ar infestado e prejudicial à saúde.

Isto mesmo os referidos capitães, lembrando-se dos seus interesses, reconhecem, e querem de algum modo remediar; porém com pouco efeito, pois que por duas vezes na semana mandam lavar a coberta, e com esponjas correr o interior dela com vinagre. Todos os dias, persuadindo-se de que

alguma coisa fazem, por pouco tempo, e por poucas horas, mandam vir em ferros para cima certa porção de escravatura para que esta se refaça de um novo ar, e não mandam vir maior quantidade dela por temerem algum levante: porém com isto nada conseguem, porque os escravos tornam para baixo para a participação do ar empestado.

São tão rudes, ou tão ambiciosos, que os não desengana, que os não persuade, e que os não convence o acaso, de que quando querem trazer um maior número de escravatura, e a trazem até nas câmaras dos navios, vindo ela aliás sempre presa, que por participarem de um ar franco, e livre, do qual de ordinário participam as pretas escravas, e os moleques, esta é a melhor porção de escravatura, que desembarca, e chega ao Brasil.

Em segundo lugar é tiranizada aquela porção de escravatura embarcada com uma curtíssima ração de água, e esta amornada pela ardência do clima, pelo desabrigo da estação, e pela sua má qualidade, que apenas chega para molhar a boca, e é em tanto extremo a necessidade, que experimenta deste gênero, que a secura e a sede dá causa a suscitarem-se diversas queixas epidêmicas, que começando em um, se comunica, e se participa a muitos, de sorte que em alguns dias de viagem se entra a deitar a escravatura ao mar.

Em terceiro lugar são mal tratados, e conservados em uma perpétua fome pelo curto e escasso de uma ração de mantimentos corruptos, danificados, e pela maior parte de torna-viagem. Os referidos mantimentos não discrepam do feijão, do milho, e da farinha-de-pau, tudo mal feito, e intemperado para tantos, ajuntando-se-lhe apenas em cada ração uma

pequena porção daquele mesmo peixe nocivo da costa da África que já vem derrancado pelo decurso da viagem. A lei de 1647 que procurou evitar estes escândalos, bem deixa ver a que pontos eles eram chegados já naquele tempo.

Os capitães de todos aqueles navios, que são outros verdadeiros perseguidores da espécie humana, não se acabam de persuadir até com a experiência, que os desengana, que lhes era mais útil, e mais conveniente àqueles nesses semelhantes desgraçados, projetarem, e efetuarem uma negociação de transporte com menos praças, ou cabeças, contanto que elas viessem fartas, bem supridas, e bem tratadas. Não importa que eles sejam surdos à muda voz da natureza, que fala a favor dos escravos, que sejam cegos à experiência, só porque trazem os olhos fitos no interesse, porque as maldições do céu bem os castiga, que continuando, ou naufragam na costa de leste; ou descansando em terra morrem pobres, como principiaram.

E com quanta razão se não podem chamar, pelo que se pondera, os pretos escravos, que tanto resistem, e que a tanto escapam, homens de pedra, ou de ferro?

Terceira idade da dura escravidão dos pretos, principalmente quando são desembarcados no Brasil, e finalizada nos últimos dias de sua vida.

Aportando pois anual, e quase diariamente, um sem número de pretos escravos transportados de toda a costa da África ao Brasil, parece que resfolegando a humanidade oprimida, seria um dia de triunfo, de glória, e de prazer para a mesma huma-

nidade, que escapando, e salvando tantos perigos, entrava no Cristianismo, no centro, e na unidade da Igreja; porém assim não sucede, porque não sei se diga, que o remanescente de seus dias é mais infeliz, e mais desgraçado.

Desembarcada esta grande porção de escravatura na América, é conduzida para casa do comum senhor, que também o é do navio, e de toda a negociação. Ali para ser vista de todos, são os escravos postos, e mandados assentar em lotes, e com separação dos grandes aos pequenos, das pretas maiores, e menores, na rua pela frente da propriedade do verdadeiro senhor, e quando à noite se faz preciso ser recolhida a escravatura, repousa, e descansa em um grande armazém também térreo, que fica por baixo da propriedade senhorial.

Quando esta porção de escravatura chega ao Brasil, consigo pensam, e bem, que entrando na terra prometida, da abundância, e da fartura, nada lhe deve faltar; porém pelo contrário lhe sucede, porque a ambição, e avareza está apurada em querer liquidar a negociação pela menor despesa. Ela se conserva sem novo vestuário, encontra uma medicina forçosa, e só acertada pela economia de umas escassas rações, que de ordinário são feitas por aqueles mantimentos, que a mão mesquinha do capitão fez durar por providência para o maior tempo da viagem. É miséria mais do que desgraça, que na terra da abundância, aonde tudo é barato, não se supra melhor a maltratada escravatura, que acaba de uma tão alongada viagem!

Neste suprimimento não entram os senhorios dela, porque todo o seu fim, e intento vem a ser

gastar pouco, e por fora com venda depressa a mesma escravatura. São tão tiranos, que acometendo a esse tempo o maior número, e o tropel das enfermidades a escravatura, aos enfermos mandam persuadir pelos seus intérpretes quando saem para a mostra da compra, que digam aos novos senhores, que estão bons, no que são fáceis, porque desesperados cuidam, que vão buscar melhor fortuna, de sorte que da cama do chão, aonde se acham gravemente enfermos, são levados, e passados aos compradores, e por conservarem por mais algum tempo o segredo da mentira, muitas vezes sucede, que pouco duram em poder de terceiro; e não dão tempo a serem refugados, e na fase da terra enjeitados, com plena observância da Ord. do liv. 4. tit. 17. no princípio, e no § 5., e 7.

Quando porém o lote da amostra se recolhe inteiro, porque nenhum dos escravos se comprara, ou se escolhera outro, que não seja o enfermo, retorna a escravatura para a mesma antiga postura, e o enfermo entregue ao desamparo, e à desumanidade, por necessidade outra vez procura o solo térreo do armazém, que deixara, e se vai unir aos mais, que sofrem as mesmas, ou diferentes enfermidades.

Pela maior parte assim como vivem, morrem ao desamparo. Não se chama médico por dois princípios: 1^o) porque a insensibilidade, para não chamar irreligião, com fatuidade tem persuadido aos médicos ser injúria de irem ver, curar, e visitar os pretos: 2^o) porque havendo algum médico, ou de mais caridade, ou mais cego do interesse, confundindo-se nesta parte a virtude e o ânimo de lucrar com a injúria, a obrigação do ofício com a

sem-vergonha, e desprezo, pela retribuição e paga, que o senhor há de dar ao médico, vem a escravatura a ficar mais cara.

Estes mesmos perversíssimos, e desumanos sentimentos, que só tem princípio na ignorância colorada com o pundonor, são extensivos aos cirurgiões, que se não querem distinguir dos médicos. Estes em aquele país, não são outros, senão os de embarque, que ali aportam por acaso, levando a fama no prejuízo comum de ser de Portugal, só porque curaram com facilidade, ajudados pela natureza, um golpe, ferida, ou qualquer pequena enfermidade a pessoa rica, e ali estabelecida.

Um destes reconcentrando a injúria, não tira o chapéu ao outro, só porque o mandou chamar para um escravo; e chega a tanto a sua dureza, e obstinação, que quando o dono da casa, e pai de família o manda chamar, estando quase moribundo, lhe manda dizer, que algum dia lhe havia de pagar, e que o não quer ir ver, e visitar.

Metida pois nesta tortura a medicina, e cirurgia; ela vai a ser entregue a uma pior alveitaria, qual é a dos pretos sangradores, e estes são os que de ordinário são chamados pelos senhores da escravatura, não por ofício de caridade, mas sim para a reparação da perda, quando veem que de dia em dia se vai sumindo por efeitos da morte a escravatura debaixo da terra. Estes sangradores de baixa esfera são os péssimos cirurgiões, que embarcam para a costa do leste.

Uma fome continuada, uma cama de chão, umas comidas escassas, e diferentes, um fastio nascido da enfermidade, as mesmas enfermidades desamparadas, procurando a ultimação do homem

escravo, o mau trato em geral, são estes os traidores da humanidade, que levam em cada um ano, um sem número de escravos à sepultura.

Os senhorios da escravatura naquele continente são fartos só do que nada lhes custa. Mandam em lotes passear pela cidade a escravatura mais para o fim de ser ela amostrada para a venda, do que para a fazer participante de um novo ar, que a refaça. De caminho é ela levada ao mar, e aos lagos, tanques, e fontes aonde algumas vezes se lava.

Passando o homem escravo pelo título da venda a novo senhor, ele se persuade, que escapou a um tirano; porém de ordinário vai encontrar, e achar outro mais cruel, porque ou o novo escravo se empregue nos serviços rústicos, ou urbanos, sempre está vivendo em um continuado martírio. Se o escravo se ocupa no serviço urbano, ele sim é mais bem tratado pela comida, e pelo vestuário; porém está sujeito a mil inclemências. Se é comprado para servir a casa, há de dar conta de todo o serviço dela com repartição das horas, dos quartos, até dos minutos, é um fiador eterno dos bens da mesma casa. Se em alguma coisa discrepa, ou quanto faz não se amolda a um gênio tirano, superior, e sempre de mão alçada contra o humilde escravo, é metido no tronco, e no grilhão por dias, e por semanas, e muitas vezes são logo mandados açoitar.

Os tiranos fazem divertimentos da crueldade, se o escravo delinuiu, pelo Santo Antônio conta-se-lhe a trezena de açoites; se pelo tempo de algum outro Santo, conta-se-lhe a novena; ainda que estes açoites sejam arbitrários em cada um dia, proferindo-lhe a sentença de 50, 60, de 80, de 100, até 200; para mais realçar a crueldade, a sentença

diz, que primeiro há de ser picado, e no fim de cada um dia pingado com sebo quente. Eu vi correr pelo chão o sangue dos meus semelhantes. Eu vi os seus olhos escarnados pelos acoites. Eu os vi morrer nele, e passaram impunes os tiranos.

Os escravos metidos nesta tortura, sustentando o horrível combate da vida com a morte, tremendo, e sendo obrigados todos os dias a comparecerem como réus, umas vezes tomam o fôlego, e morrem, outras vezes passam a navalha às goelas; outras lançam-se nos poços; outras precipitam-se das janelas, das grandes alturas; outras finalmente matam a seus senhores.

Há no mundo cristão ainda magistrados, que no país, e no teatro da crueldade, sem o necessário desconto de se repelir a força, e de dar a cor precisa à desesperação, escrevem sentenças tremendas de fazer morrer o escravo tantas vezes insultado a título de dominicida? Sim, há. Melhor seria que a sua mão, papel, e tinta se empregasse no gabinete a fazer uma justa representação ao Príncipe, de que os tiranos senhores não fossem juízes arbitrários, inexoráveis, cegos, e coléricos na causa miserável do escravo; e por efeitos dela baixaria uma lei municipal, que providenciasse esta importante matéria.

Quando por acaso o escravo encontra algum senhor, que seja mais humano, de melhores entradas, e que apenas só inveja a tirania dos outros por sistema, e a exemplo, porque com o preço dele, ou pondo mais alguma coisa vai comprar outro, querendo ainda assim vingar-se dos leves crimes, que bem merecem perdão, o faz vender ao outro senhor do mesmo país, que tem fama, e crédito de mais tirano ou rigoroso, o qual por este princípio o compra barato. Eis aqui a tirania constituindo um novo ramo de comércio e dando causa ao contrato.

Quando alguns destes afetando ter um gênio mais brando, e compassivo, não querem ouvir em casa gemidos, e ver correr pelo chão o sangue, injuriando-se da tirania, procura introduzir-se o Juiz Provedor da Ribeira, ou procura para ele empenho, ou conhecimento para nela ser açoitado o escravo. Eu teria por um grande prêmio do meu trabalho, se a minha voz ao menos por efeitos de um eco, pudesse chegar a lugar, donde emanasse uma carta de serviço, que advertisse a semelhantes juizes, que eles foram postos para administrar justiça, e arrecadar a Real Fazenda, e não para serem executores tremendos das sentenças privadas dos senhores, que são proferidas sem conhecimento de causa, e sem apelação, nem agravo, com atropelo da Ord. do liv. 5. tit. 95. §. 5., e do Real Decreto de 3 de Setembro de 1693, que veio fazer entender, e concordar o § 4. da mesma sobredita Ordenação.

O escravo porém, é comprado, e destinado para o serviço rústico, no que se ocupa, e se faz necessária a maior parte da escravatura para a promoção das fábricas daquele país, além de sofrer todas as referidas inclemências, e tiranias, ainda lhe crescem outras, e vem a ser: que lhe taxam diariamente o trabalho, ao que chamam tarefas, e não as concluindo é severamente açoitado. Não lhe dão vestuário algum, e nem sustento, apenas lhe dão o sábado livre, e terras para poderem ganhar, e trabalhar para o sustento de toda a semana: como se tal sistema, que é econômico, pudesse ser desempenhado, e conseguir-se os fins, só apenas pensados: por isso a maior parte desta escravatura se ocupa no futuro das novidades, que o mais plantam, e dali só se pode tirar por conclusão, que o seu senhor lhe dá um dia certo para furtar.

Capítulo 4

Das doenças agudas, que ordinariamente acometem aos pretos escravos, e que são adquiridas nas mudanças, e nas variações dos seus alongados transportes, onde tudo de mal, e contrário à conservação da saúde os persegue.

Posto que esta matéria precisa das observações médicas feitas por professores, contudo cuidado poder dizer, que a primeira e mais distinta, assim como a mais prejudicial das moléstias agudas, que sofrem os pretos escravos, ainda nos Reinos Africanos, como quando descem dos seus sertões, na estada nos portos marítimos, nos seus embarques, e transportes, e no mesmo Brasil, vêm a ser umas grandes e repentinas febres, bem semelhantes às perniciosas, as quais trazem consigo péssimos sintomas, e são decisivas, porque em poucos dias os matam por serem amalinadas.

Estas febres nos países africanos são chamadas *carneiradas*, as quais de ordinário se suscitam com toda a sua veemência quando se passa do verão para o inverno, e do inverno para o verão. Atribuem a sua origem, e princípio aos efeitos do cacibo, ou cacimba, e à passagem do sol, e como ele ali duas vezes passa, duas vezes também vem a ser as *carneiradas* do ano.

O certo é que os povos africanos nos países da sua habitação e natalício são muito menos atacados do que em toda outra qualquer parte, e por isso já dissemos, que no seu tanto logram uma boa, e perfeita saúde. Isto se deve ao ar, que os circula, a que estão acostumados, e aonde nasceram, aos seus constantes e certos alimentos, e as mesmas tais e quais águas, de que usam, e a que estão habituados.

Desengana, e confirma bem o que dizemos, a experiênciã, que entrando eles as mudanças e variações em que encontram novos ares, desacostumadas comidas, e outras águas, já são mais acometidos. Confirma mais a outra experiênciã, e observação, de que em Luanda essas mesmas febres mais atacam aos pardos, e aos brancos, do que aos pretos, que ali

nasceram, e vivem, porque já estão acostumados, e habituados ao clima, à comida, e às águas, o que igualmente sucede aos pretos escravos, que descem ao cativoiro dos seus sertões.

Os sintomas desta temível, e destruidora enfermidade, pelos quais ela logo pode vir a ser percebida, são as repentinas sonolências, que crescendo, e aumentando-se por efeitos do progresso da mesma moléstia, e da ardentíssima febre, prostra o enfermo de um tal modo, e este tão veemente, que o entrega a um letargo, do qual com a força do auge, se passa para a outra vida, ao que se acode com grandes, e repetidas sangrias, com água de Inglaterra, e com muita quina, tendo-se por último remédio as sarjas: a estes precedem outros sintomas dos momentos, e quebramentos do corpo, dos grandes defluxos, constipações, etc.

Na classe da segunda enfermidade aguda deve ser exposta, como gravíssima, as hemorragias, que muito acometem a escravatura, sendo esta, a que no ataque leva à sepultura muito grande parte da mesma escravatura, ao que chamam *mal de Luanda*.

Assentam os observadores desta gravíssima enfermidade, e os experientes do país, que ela de ordinário é uma sequela, e restos da precedente, e resultante dos muitos, e repetidos remédios violentos, e quentes, com que se acode à da primeira ordem, como é a muita quina; ainda que muitas vezes insurge esta moléstia com independência da precedente. Atribuem também o adiantamento desta enfermidade à demasiada água, que bebem os escravos na ardência da febre, que relaxando o ventre, lhes traz uma evacuação contínua, e por efeitos dela o intestino reto se dilata, e o ânus se circula com lábios esponjosos, que nascem do interior da via.

A terceira qualidade de doença aguda, que costuma atacar a escravatura, progredindo-se na sequela delas, vem a ser a que se chama em aquele país, e no Brasil, *a do bicho*. Como pois há três qualidades de enfermidades do bicho, de que competentemente falaremos, esta de que se fala é a do bicho, ou da corrupção intestinal, que havendo-a, se dá a conhecer pelo mau cheiro, que tem o quarto do enfermo, quando não é atalhada.

Esta dita enfermidade é também proveniente da primeira, e de ordinário anda junta com a segunda, porém, muitas vezes acontece, que com independência de todas as outras, ela insurge atacando a escravatura, consumindo-a com destruição, e mortandade dela.

Na ordem das mesmas moléstias agudas, em quarto lugar devem ser postas as infinitas constipações, as frequentíssimas, e veementes tosses, as quais têm o seu princípio nos efeitos da cacimba; e em outros países, como no da América, em o mau trato, e falta do vestuário preciso, o que consome e destrói muita escravatura, em cuja prevenção não entram os comissários, negociantes dela, e os seus mesmos senhores, com o desprezo do dano, e das consequências delas insurgentes.

Descendo gradualmente pelas enfermidades agudas, que são provenientes da cacimba, e das febres amalinadas, ocupam o quinto lugar as infinitas sezões, que começando em terçãs, e quartãs, com aumento de horas, vindo a apanhar umas a outras, fazem com que muita escravatura faleça, e morra.

Quando porém os escravos chegam a escapar das referidas sezões, de resto delas, assim como as sezões vêm a ser resto das outras, lhes ficam as opi-

lações, que dentro de pouco tempos estragando-os, os levam à sepultura; graduadas, e postas no sexto lugar das enfermidades agudas.

A sétima qualidade de doença aguda, que mata a escravatura, vem a ser as bexigas, e o sarampo, que os observadores, e experientes dos países africanos, tem visto repetir muitas, e diversas vezes, já em os seus sertões, já nos presídios, já nos portos marítimos, já no embarque, e ainda mesmo no Brasil. Todas estas de que temos falado são as principais, e epidêmicas, e por isto começando em um só escravo, se comunica a todo o lote da escravatura.

A oitava espécie, ou qualidade de enfermidade aguda, ainda que não frequente em toda a África, mais frequente porém na Costa da Mina, e no Brasil, vem a ser a doença do bicho de outra qualidade da que já falamos. Este bicho que se cria nos corpos dos pretos se declara existir neles, com frios, e febres. Procura-se pelo corpo do escravo aonde ele esteja, e de ordinário é achado nos braços, e nas pernas. Descoberto, e achado o bicho, que é à semelhança de uma linha branca, fina, e torcida, com a ponta de um alfinete, ou pau muito fino, se afasta a pele, e logo o bicho deita a pequena cabeça para fora querendo sair. Prende-se a cabeça dele com um fio de retrós, que enrolando-se em um pequeno pau, se vai enrolando também a cabeça, e a porção do bicho, que se deixa sair, sem que por ele se puxe de modo algum. Na África unta-se a circunferência do bicho com azeite de Dendê diariamente, e diariamente também se enrola a porção do bicho, que quer sair. Ata-se um pano para se comprimir, e suster a porção do bicho, que tem enroscado no pau, e saído, e nisto se continua até que de todo ele saia. Se acaso porém o bicho se não puxa com jeito, ou sucede

puxar-se com força, e quebrar-se, está desenganado o escravo, que morre, porque incha, e gangrena, por não saberem remediar este successo.

Levei a indagação deste artigo ao último ponto falando com os práticos, e experimentados em aquele país, que por espaço de 20 e 50 anos habitaram na África: uns apenas disseram, que este referido bicho costumava ter de comprido vara até vara e meia; porém nenhum deles, pelos maus successos, chegou a ver o fim da extração. Domingos Rodrigues Chaves porém, que ainda hoje vive em Lisboa, viu extrair na África um até um palmo de todo, e principiar-se a extrair outro até palmo e meio; o que por não ser muito frequente, não há a este respeito mais franca experiência.

Na classe das doenças agudas tem o nono lugar os carbúnculos, ou antrazes, que são tão frequentes nos países do nascimento dos escravos, como nos portos marítimos, e no Brasil. Para todas as enfermidades têm os pretos africanos os seus curandeiros, que observam as moléstias, e que pela força do uso, e costume, applicam a cada uma delas diversos remédios, no que se empregam também algumas mulheres pretas, que tem o nome de curadeiras; cujos remédios pela maior parte consistem no conhecimento das ervas, e na applicação delas às enfermidades.

No número das doenças agudas tem o décimo lugar os accidentes de gota coral, e outras mais, que também os mata, ainda que poucas, que por brevidade se omitem, como a de tomar fôlego, que não sendo enfermidade aguda, contudo muitos escravos morrem quando se apaixonam.

Capítulo 5

Das doenças crônicas, que tirando algumas delas a sua origem das agudas, e dos infinitos contratempos, que pretos escravos tem sofrido, são acrescentadas pelas outras, que de novo insurgem.

Uma, e das principais moléstias crônicas, que sofrem os pretos escravos, a qual pelo decurso do tempo os leva à sepultura, vem a ser o *banzo*. O *banzo* é um ressentimento entranhado por qualquer princípio, como por exemplo, a saudade dos seus, da sua pátria, o amor devido a alguém, à ingratidão, e aleivosia, que outro lhe fizera, a cogitação profunda sobre a perda da liberdade, a meditação continuada da tirania, com que os tratam, o mesmo mau trato, que suportam, e tudo aquilo, que pode melancolizar. É uma paixão da alma a que se entregam, que só dão por extinta com a morte, por isso em o seu competente lugar disse, que os pretos africanos eram extremosos, fiéis, resolutos, constantíssimos, e susceptíveis no último extremo do amor, e do ódio.

Raimundo Jalamá, sujeito de probidade, digno de toda a crença, que conta 80 anos de idade, que por vezes navegara para a Ásia, homem mui pronto, e experimentado nos cálculos e projetos mercantis, que por 10 anos vivera na cidade de S. Paulo de Luanda por Administrador do Contrato, e das Companhias do Pará, e Pernambuco, que estava na posse de comprar, e remeter para o Brasil, em sortimento das ditas Companhias, um grande número de escravos em todas as estações do ano; fielmente me informou a respeito desta enfermidade, chegando a afirmar que no tempo da sua administração, e sucessiva compra de escravos, em um dos lotes tivera certa escrava com uma filha, a qual depois se chamara Lucrecia, de idade de 7 para 8 anos, que se entregara a um total fastio por efeitos do *banzo*, que nada queria comer, ainda oferecendo-se-lhes as melhores comidas, assim do nosso trato, e costume, com as do seu país, para cujo fim tinha

cozinheira própria; e observando este a obstinação, e a teima, pela filha insinuada entrou a pesquisar a causa, e o motivo, pelo que se entregava ao *banzo*, inspirando na filha com promessa de prêmio, que em conversa quisesse insuspeitavelmente extrair dos sentimentos de sua mãe, qual vinha a ser a causa; e com efeito veio a adquirir a certeza, de que seu marido, a quem tanto amava, havia nomeado a ela com ingratidão, com separação, e desterro, à dura e cruel escravidão, e juntamente a sua filha tão estimada, como penhor da sua aliança.

Sabida a causa, despendendo-se os maiores agrados, promessas, e realidades de bom trato, e até de liberdade, nada foi capaz de lhe desfazer a imaginação. A vista dos agrados na presença de outros muitos, que para eles concorriam, os seus olhos eram dois rios; de contínuo tinha a cabeça entre os joelhos; continuou a não querer comer; faleceu; e a sua filha foi estimada, como a de uma heroína de amor, e de constância, e sendo isto sucedido há mais de 20 anos, ainda há dois anos houveram cartas, que Lucrecia era viva. Este mesmo *banzo* por vezes observei na América Portuguesa, que matara a muitos escravos; porém sempre foi efeitos do ressentimento, da crueldade, e da tirania, com que aos escravos tratavam os seus senhores.

A segunda moléstia crônica, e de sumo perigo, que muito faz desaparecer da terra a escravatura, vem a ser a sarna; que sendo epidêmica, se comunica de uns e outros, e como ela se distingue em sarna, a que chamam mansa e brava; da mansa é que vamos falar; a qual comete muito a escravatura, sempre de ordinário no fim das suas jornadas desde os presídios, até ao Brasil; e é uma moléstia

tão impertinente, e tão perigosa, que tem muitas, e diversas repetições, ao que chamam camadas.

A brava, porém, que ocupa o terceiro lugar das doenças crônicas, é igualmente epidêmica, e comunicável; porém de outra espécie, e se atribui a mal venéreo, nas pudendas, nas virilhas, no umbigo, nos peitos, nos cantos da boca, no nariz, atrás das orelhas, e lhe chamam *boubas*; estas formando chaga, se dilatam até o tamanho de um peso espanhol, que nas suas extremidades, e circunferências, são acompanhadas de uns maiores lábios, segundo as qualidades e abundância de humores infestados.

Ainda que se tenha dito que esta moléstia tenha a sua origem, e se repute por um mal venéreo, contudo observei na América, e pelo meio das informações mais exatas, que as donzelas a chegaram a ter ou por contágio, ou pela participação dos humores de seus pais, ou também por comunicação de muitos, e diversos humores, quando a escravatura vem como abocetada na longa viagem em que as cobertas dos navios, ou porque em terra uma parte dela está junta, e se incorpora a outra.

A quarta espécie de doença crônica, que grassa, e que acomete a escravatura com igual consumo dela, vem a ser o escorbuto, que comunicando-se ao sangue, vivem os escravos alguns anos; porém sempre vem a morrer dele; e por ser doença epidêmica, e contagiosa, se comunica quando ele está radicado a toda a mais escravatura. Ela é proveniente, por efeitos da fome, da sede, e das comidas salgadas.

A outra espécie de doença crônica, que muito grassa, e acomete a escravatura privativa só na América, que vem ocupar o quinto lugar, são os bichos de outra espécie, que nascem nas mãos, corpo, e com

maior força nos pés, no canto das unhas, na circunferência da unha entre uns e outros, e principalmente no calcanhar com uma e duas camadas; os quais crescendo em camadas, causam frios, e febres, apostemam de um tal modo, que muitas vezes se corta a carne do calcanhar do escravo, e sucede gangrenar, e falecer.

Os bichos desta qualidade, e última espécie, são na sua origem como a mais pequena, e minoríssima pulga, que achando imundície e mau trato no corpo, e principalmente no pé da escravatura, nele se entranha sem dor, e depois de entranhado, causa um pequeno comichão. De dia em dia, à proporção do seu nutrimento, vão crescendo; são redondos, e crescem ao tamanho da cabeça de um alfinete. O seu maior grau de crescimento é do tamanho, e propriamente como um grão de cevadinha bem cozido, pela parte inferior para a carne do escravo, e pela superior para a circunferência do referido bicho, aonde outros de novo se criam, entrando a deitar uns ovículos brancos, ao qual chamam lêndeas, e então delas se gera por baixo desta outra segunda camada aos referidos bichos. Estando os da superfície no seu último grau de crescimento, e apinhoados, figuram bem como a pasta dos ovículos fermentados das colméias: quando porém já não podem crescer, apostemam, e se fazem tamanhos quase de um grão de milho cozido: ocasião, em que são continuados os frios, e as febres, e as ínguas por todo o corpo do escravo.

A sexta qualidade, ou espécie de moléstia crônica, que costumam levar um grande número de escravatura insensivelmente à sepultura, vem a ser as lombrigas que dentro dela se formam, e geram, provenientemente da relaxação do estômago, o

que é inseparável dos climas ardentes, que trazem consigo uma extraordinária frouxidão, sendo esta a causa, porque toda a escravatura de comum apetece todo o gênero de ácidos, e a comida sobre o salgado acompanhada dos picantes ardentíssimos. São geradas das comidas úmidas, e fracas, que depositadas param no estômago.

São geradas finalmente das muitas frutas verdes que, ou sem distinção as come, ou porque os seus senhores lhe não dão as maduras, e sazoadas; e de todos os outros mantimentos corruptos, que ela absorve por efeitos da fome; o que tudo concorre para se formalizarem as obstruções, que tanto a perseguem.

Estes vermes gerados no estômago passam para os intestinos, vagam por todo o corpo, aonde possam ter cabimento, e tocando os nervos, causam os vulgares acidentes chamados de gota coral, ao que os pretos chamam *ventos*, ou *Calondú*, e como eles o atribuem à primeira espécie de castigo, e mal mandado pelo seu *Zambe*, ou Deus, o têm por incurável.

Na ordem destas mesmas doenças crônicas ocupam o sétimo lugar as hidropisias; por cuja porta franca vão ter à morte muitos mil escravos. O primeiro motivo, que eles têm para tanto, é proveniente das infinitas fomes, e sedes, que têm experimentado, na delonga de tantas jornadas. São efeitos de uma perpétua, e entranhada ressequidão, em razão da qual não se fartam de beberem água. O segundo motivo é porque apetezem muito o sal, e até na falta deste, *comem terras que o contêm*; o que é nova causa de beberem muita água.

A oitava, e a última das moléstias crônicas, e a mais prejudicial, quanto a mim, por particular

e estreita observação, vem a ser a de ressecção dos bofes, que a tanto se reduzem por efeitos da muita giribita, ou aguardente, e cachaça do Brasil, que de contínuo bebe toda a escravatura. A isto se entregam com extremo por três princípios: primeiro, porque vivendo em o seu país natalício, aonde há faltas dela, sendo apaixonadíssimos desta bebida, encontrando-a com abundância, se fartam dela: segundo, porque a debilidade, a frouxidão, e a relaxação do seu estômago assim o pede: terceiro, porque sendo os escravos nascidos em um país muito mais quente, do que o do Brasil, que demais é assistido das muitas virações, andando nus, sentem um extraordinário frio, e para de algum modo se forrarem na falta de roupa, se entregam a esta bebida, persuadidos de que os aquece, o que sendo momentâneo, continuam na mesma bebida para sustentarem pretendido calor, com danificação conhecida das suas entranhas.

Ressecados pois os bofes, como os fluidos, não podem passar, girar, e fazer a filtração precisa, com retrocesso se encaminham eles para os outros vasos com maior abundância, do que faz preciso, e obstruindo-os se geram infinitas hidropisias, que matam a maior parte da escravatura no Brasil.

Há outras muitas moléstias crônicas, como são os tubérculos, os cancos, e outras mais, que por serem menos frequentes nos escravos, nelas me não demoro.

Capítulo 6

Dos meios de se acautelarem, e de se curarem tanto as enfermidades agudas, como as crônicas, que acometem, e matam os pretos escravos, tanto nas suas jornadas e estadas nos portos marítimos da África, como no embarque deles; e em todo o Brasil, assim quando chegam, como no decurso das suas curtas vidas, sendo tudo deduzido das mais exatas informações, sisuda e fiel experiência.

É chegado pois o tempo de fazermos resumidamente uso e aplicação de todos e de tantos princípios deduzidos, e estabelecidos, que vem a servir de regras necessárias para com acerto falarmos neste importantíssimo capítulo, em que se compreende o fim, a que nos destinamos.

Os pretos escravos na África desde o instante, e hora de seu infeliz cativeiro encontrariam a melhoria, ou pelo menos a conservação da sua saúde, se também encontrassem outro discernimento, sem que nos demorem na piedade e outros meios pelos quais melhor conduzissem os seus interesses os sertanejos, ou funidores, seus primeiros compradores, e transportadores.

Deviam ter como primeira regra, que os pretos perdendo a sua liberdade, ficam desde logo apaixonados, e entregues a um indizível ressentimento, que é justo, e inseparável, e extensivo ao mesmo bárbaro, que também tem alma, e que também sente. Deviam por isso mesmo desde logo começar a tratá-los com toda a brandura, e agrado, para fazer o cativeiro menos sensível, desimaginá-los, e desvanecer pouco a pouco o *banzo*, que os não desacompanha. Porém pelo contrário sucede, que desde logo contra eles se arma a mão visível da tirania, e do mau trato, tratando-os com a maior crueldade que se pode considerar, e explicar.

Deviam ter como segunda regra inalterável trabalharem, quanto lhes fosse possível, para no rancho, ou lote dos escravos sempre viesse a todo o custo, e por todo o preço um daquele seus práticos, a que chamam *curadeiros*, ou *curadeiras*; o que com pouco conseguiriam uma vez, que se expusessem a despender na permutação dobrados, ou triplicados

gêneros, dos que costumam dar por outro qualquer escravo, e quando assim o não pudessem conseguir, o conseguiriam pelo meio de prêmio, e da paga avulsa para retornarem, pondo salva no porto do embarque a escravatura conduzida, para que estes curadeiros no decurso da viagem viessem observando as enfermidades, e aplicando as ervagens, e medicinas do seu uso.

Porém nada disto pode ter lugar, porque os sertanejos, ou funidores, dilatando a negociação, não querem senão o maior número de *cabeças*, tendo por melhor princípio, e por única regra, que muitos venham, quer vivam, quer morram, para verem se na exposição salvando por acaso um grande número, encontraram o seu maior interesse.

Só uma imaginação esquentada, e um avaro, sem saber ser avaro, pode conceber esta indigna ideia, e péssimo projeto, porque pelas regras da computação, bem humanizadas com estes sentimentos, e com os deveres cristãos, e religiosos, livrando-se da nódoa de homicidas, tanto faz trazer num libambo, e em diversos, 300 escravos, dos quais só se salvam 150, como trazer logo 150, quando nenhum, ou poucos escravos vem a morrer, ficando de mais com o lucro seguro dos gêneros da permutação de escravos, que faleceram, que por não serem negociados, ficaram salvos.

Deveriam ter com prudência por terceira regra fazer descansar a escravatura em os sítios mais acomodados, frescos, e oportunos, aonde houvesse melhores e abundantes águas, e os mantimentos precisos para a refeição, regulando a viagem sempre de um tal modo, que um dia fosse de marcha, e outro de descanso.

Pondo em exercício a mesma prudência, teriam por objeto fazer transportar em odres as águas necessárias, ou às costas da escravatura conduzida, ou às dos outros pretos, que acompanham o libambo, e a condução dos escravos, para que se suprisse este com a água precisa, quando a apetecessem, tudo para se fugir à ressequidão proveniente das grandes, e extraordinárias sedes, e serem prevenidas as muitas enfermidades, a que ela dá origem.

O mesmo se deveria praticar sobre os mantimentos acomodados ao seu gosto, e ao uso do seu país, para que na jornada fossem mantidos, e sustentados, quando não fosse com abundância, e com fartura, pelo menos no suprimento do preciso, para se *obsistir* às grandes fomes, que de contínuo experimentam em tão alongadas jornadas, tudo para que os infelizes escravos não venham a um tempo a sentir muitas, e diversas calamidades, e opressões provenientes da mudança do clima, das águas, da fadiga da jornada, do sol a que vem expostos, da fome, e da sede; o que tudo suportando com infalibilidade os atenua.

De sorte que neste artigo encontram dois males, a que não pode a escravatura resistir: primeiro, o de andar ela, o de fatigar-se, o de vir carregada, o que lhe ocasiona, e lhe aumenta a fome: segundo, o de ser sustentada com a parcimônia de uma escassa ração, que a não pode faltar, concorrendo mais ser ela mal cozida, mal temperada, e fora do alimento de seu uso. Concluindo-se que os dois artigos da fome, e da sede coadjuvados pela ardência, e estação do clima, a que vem expostos por muitos meses, concorrem para os mirrar, dissecar os seus humores,

e formalizar uma perfeita ressecação, grossura, e apuração de sangue do que não pode insurgir menos, do que gravíssimas, e mortais enfermidades.

Deveriam ter por quarta regra, fazer cortar das mesmas fazendas levadas para a permutação, com reserva, a que fosse precisa, para com ela o miserável escravo de noite se cobrisse, para deste modo resistir aos efeitos da cacimba, e do sereno da noite, dando-se-lhe este indispensável reparo ao seu corpo, além de se fazer cortar, e ajuntar algum mato em aqueles sertões para se formalizarem umas espécies de camas interinas, aonde melhor descansassem, para deste modo se fugir a umidade da terra, ao tempo, que ficam como resguardados dentro do mesmo mato, e faxina, o que com a maior facilidade se pode fazer com aqueles países desertos, e abundantes de arbustos, que só com as folhas secas, e estas juntas, prestam os socorros necessários para este fim, e intento; e se o não fazem, isto se deve unicamente ou à sua negligência, ou à estupidez.

Calculando-se toda esta despesa, e metida ela em conta, e giro da negociação da permutação dos pretos escravos, ela não vem a ser prejudicada em coisa alguma, antes a utilizar muito, tanto, porque tanto rende a negociação, que traz 300 escravos, dos quais só chegam salvos 150, como trazer logo, em benefício comum da humanidade, bem pensados, e tratados 150 ou pouco menos, por causa de alguns, que faleçam. Acrescendo de mais que os 150, que escaparam ao mau trato, nunca vêm a ser tão bem vendidos, e a render na apuração tanto quanto os 150, que logo na sua origem, e no decurso da viagem vieram deste modo bem

supridos; pois que se alguns destes succeder falecer na jornada, a sua perda, assim como todas as mais despesas, vem a ser ressalvadas pelo maior preço, que indubitavelmente vem a merecer a escravatura robusta, e sadia, sendo certo que não há quem dê tanto, e igual preço pela escravatura enfezada, e enferma, como pela boa, robusta, e sadia.

Deveriam ter por quinta, e última regra, até derivada da maior necessidade, applicarem em cordões por um, e outro lado da jornada, uma certa porção de escravatura mansa, da que acompanha o comboio, para diariamente vir caçando para o sustento não só próprio; mas também da mesma escravatura conduzida, e deste modo chegando ela ao lugar do arraial, e do assentamento, venha frequentemente a ter carne fresca, aquella mesma caça com que se sustentaram nos primitivos países da sua habitação, sem que se visse obrigada a entrar-se no salgado, que igualmente ressecando-a lhe excita uma maior sede, pois que tudo quanto os sertanejos, e os funidores desde então até hoje praticam é concernente, e dirigido mais a matar a escravatura, do que para a trazer salva.

II

Não se trate muito embora de se emendar erros atrasados, que vêm de longe, e que têm principio em todo o referido. O que vem a ser mais lamentável é, que chegando a tal, e qual porção de escravatura salva aos portos marítimos, e oportunos para o embarque, aonde tudo abunda, como por exemplo em S. Paulo de Luanda, cidade principal do Reino de Angola, devendo-se a tudo isto ocorrer,

pelo contrário, é a escravatura mantida em a mesma economia, péssimo trato, e falta do seu preciso; porque os comerciantes ali estabelecidos, que se entregam ao giro, e negociação de escravos, teimam, e insistem em o seu péssimo plano, e sistema, de que quanto mais pouparem, e furtarem ao sustento, e ao trato da escravatura, muito mais vem a lucrar na negociação dela, sem se lembrarem, e sem se enganarem, até pela própria experiência de que continuando nesta sua mesquinhez, e economia, tão mal entendida, como mal aplicada, que infinitos escravos sucessivamente lhes morrem, vindo eles a ser homicidas deles.

Se quando porém, esta porção salva de escravatura, chega aos portos marítimos da África, pelo menos fosse bem tratada, dando-se-lhe vários refrescos, e primeiro do que eles, suprimindo-se com o peixe fresco, e carne, com a fruta, que houvesse no país; mandando-se diariamente lavar, dando-se-lhe o vestuário preciso, tirando-a daquele pavimento térreo, aonde habita frequentemente, passando-a para estrados, ou sobrados de madeira, dando-se-lhe uma ração farta, bem cozida, e temperada ao modo do seu país, o que tudo há em abundância em aqueles ditos portos marítimos; certamente ela convalesceria dos males passados, de que tem triunfado, e viria a mesma escravatura, além de valer mais, a dispor-se para o embarque; porém este sistema não pode, e nunca poderá ter a maior aceitação entre aqueles rudes comissários, que só querem despende pouco, e receber muito, tendo por um lucro certo, e infalível, como seguro, o que deixam de despende, sem refletirem, que a perda, e a morte dos escravos, vem a

ser resultante do mau trato, e seguindo os seus projetos, economia, e miséria, se conservam no prejuízo antigo, e inveterado, de que toda quanta escravatura morre, é por causa das enfermidades. A proposição é verdadeira, porém os princípios, e a derivação da causa, a ignorância misturada com a avareza, a faz desconhecer; e quando a conhecessem, o seu projeto econômico, nunca daria ocasião a evitar-se o mal em reparo da humanidade pelo modo indicado.

A experiência como melhor mestra de tudo desengana aos teimosos, aos avarentos, e aos sórdidos comerciantes declarados por este lado cruéis inimigos da humanidade, e bem confirma o que fica dito.

O mesmo Raimundo Jamalá, que habitara na cidade de Luanda desde o ano de 1760, até o de 1770, nos primeiros anos observou o estrago, e mortandade, que sobrevinha à sua escravatura, o que igualmente sucedia na de todos os mais comissários, e confessa, que fizera todos os esforços para descobrir a causa; assim como por em execução todos os meios, e tentativas, que fossem ocorrentes a tanto estrago, e prejuízo. Por efeitos de uma especulação confirmada pelo que ele via, assentou, que isto tinha princípio no mau trato da escravatura: desde logo proibiu o uso da savelha, e do peixe do azeite, que sendo salgado, oleoso, e rançoso, ambos por carregados, e reimosos, vinham a ser prejudiciais à saúde. Entrou em mais dispêndio a comprar uns peixes frescos, e maiores, que diz corresponder aqui à nossa corvina. Observou que com esta providência se suspenderam para sempre as hemorragias de sangue.

Ainda que a carne naquele país é de 50 réis o arrátel, contudo com parcimônia à custa de uma e outra Companhia, a entrou a comprar para suprir a dita escravatura. Escolheu de entre as escravas, convocando até algumas ladinas, que ensinassem as boçais, as que eram mais capazes de fazer, e de temperar a comida mais própria, e mais acomodada ao paladar dela, e temperada ao uso do seu país. Mandou fazer estrados e sobrados para a positura e descanso da mesma escravatura, tirando-a do terra-do. Cortou fazendas, que não passaram de baetas, e sarafinas para a cobertura dela. Observando o uso, e costume da mesma escravatura, a mandava lavar todos os dias ao mar, e quando esta se recolhia do banho, lhe dava o azeite de dendê preciso, para se untar ao sol, e com o pó, e com a serradura de certo pau, que é bem semelhante ao Brasil, o qual é chamado *Tacula*, visto que a escravatura se persuadia que deste modo se fazia o seu corpo nédio, luzidio, e mais preto, e que este unguento lhe servia de uma espécie de preservativo, o que tudo se conseguia com o testemunho da mais sisuda, e fiel experiência.

Quando pela primeira vez a escravatura provou desse gênero de comida assim temperada, e amoldada ao seu paladar, confessa fidedignamente, que lhe bateram as palmas. Insinuou, que as comidas fossem extensivas aos matetes, anfunge, quenga, e a outras mais, que lhe eram próprias, e saborosas. Na prevenção da economia mandou vir por conta da mesma Companhia de Pernambuco a carne salgada, e seca, a que lhe chamam do sertão, que é escalada, e sem ossos, que ali custa de 6 a oitocentos réis a arroba, e sempre a todo o custo chamou médico e cirurgião para curar a que enfermava.

Grassando na escravatura a sarna mansa, tratou de informar-se de como se costumava ela curar no país natalício, e tendo a certeza, de que era por meio de ser a escravatura lavada, e no ato de lavar-se, ser o corpo bem esfregado com a casca de coco, com sabugo de milho, até fazer verter sangue, do que insurgia uma plena distilação de humores, sendo em cada um dos dias untado com o mesmo azeite de dendê, e com o pó do pau chamado tacula, isto mesmo fez por em prática, mandando-a lavar ao mar, de sorte que dentro de quatro, cinco, até oito destas lavagens, e esfregões ainda que interpoladas, de todo desaparecia, e ficava curada a sarna, fazendo uso, além disto, de alguns purgantes.

Em aquele país de Luanda todos se admiravam da melhoria da escravatura negociada por Jalamá. Sendo interrogado por vezes, explicou o sistema aos outros comissários, e estes não o aproveitando, respondiam, que isto, e tanto só o podia fazer a Companhia de Pará, e de Pernambuco, por serem umas corporações ricas, que não reparavam que o escravo lhe saísse caro, mais do que a outro qualquer.

O honrado Jalamá, que nunca se descuidou de cumprir as suas obrigações, extraía a conta de toda a despesa, e a balanceava com o custo dos escravos mortos e em primeiros anos, com os que muito mais em número lhe vinham a ficar salvos por este sistema. E conheceu que daqui provinha a melhoria, a robustez, e saúde de toda a sua escravatura; que muito pouca proporcionalmente lhe vinha a morrer; e que a Companhia pela diferença de preços, e pelo maior número de cabeças salvas, vinha a lucrar de dez a vinte por cento.

III

Tirada pois pelo comum a escravatura do mau trato de todos os outros comissários, e sendo segunda vez permutada para o embarque, sem proceder disposição, ou convalescença alguma, os novos senhorios da escravatura, que a embarcam, deveriam ter pelo menos as precauções, e as regras seguintes:

Deveriam ter por primeira cautela de transportar melhor a escravatura, sendo embarcada menor número dela, tanto porque a coberta viria mais desafogada dela, como porque seria a mesma escravatura mais bem suprida pelos mantimentos, e aguadas, sem que continuasse a experimentar, e a sentir novas fomes, e novas sedes por efeitos de uma escassa medida de água, que de vinte em vinte e quatro horas se lhe dá, e de uma escassa ração. Porém este sistema tão humanizado, e tão conforme à razão, até concordante com os seus próprios interesses, pois que muitos mais escravos vinham a salvar, não lhes pode agradar, porque o seu fim e intento, atopetando o navio, só é o trazerem, e embarcarem muitas cabeças, onerando o navio com mais praças, do que na realidade ele pode, sem entrarem no desconto, que embarcando muitas, muitas também lhes morrem, prejudicando, e abafando uns a outros, se apestam, enfermam, e ainda aqueles mesmos, que vêm a ficar salvos, para sempre se conservaram enfezados, doentes, e vindo em terra a falecer, ou em poder, e casa do senhor da negociação, ou em poder do terceiro, que os compra.

Para se obviar tanto, e tamanho estrago, deveriam ter a providência de fazer embarcar não só os melhores mantimentos, mas também estes mes-

mos em tamanha abundância, quanta precisa fosse para os fartar; porém assim não sucede, porque de ordinário os mantimentos da escravatura vem a ser aqueles de torna-viagem, corrompidos, avariados, e podres, que seguindo o mais barato compraram nos portos da América já com este fim, e intento. Se acaso porém os capitães dos navios, diretores desta infeliz negociação, alguns mantimentos compraram nos portos marítimos da África para o sustento da escravatura, que embarca, sempre vem a ser o mais ínfimo, o de pior qualidade, e aproximado aos mantimentos, de que temos falado. A desgraçada escravatura a um tempo vem a sentir dois males: primeiro, a fome proveniente de uma curta, e escassa ração: segundo, o de ser esta além da de uns mantimentos desusados, que lhe são estranhos, e mal temperados, corrompida, e por isto mesmo danosa à saúde pelos lados da fome, e da qualidade infecta da comida.

Se aqueles mesmos ditos capitães entrando no capricho, na humanidade, e no cordato desempenho de quererem pôr salva no transporte a escravatura, applicassem os meios necessários, eles teriam por terceira providência fazer meter, e carregar no navio maior porção de tonéis com aguada, o que lhes não custava muito para saciarem frequentemente a continuada, e atrasada secura da mesma escravatura, aumentada esta por muitos, e diversos modos: primeiro, pela causa do peixe salgado, que lhe cabe em ração: segundo, pelo ar salitroso, que a circula: terceiro, porque vem abocetada em uma coberta, que apenas cabendo ela, está em uma perene destilação: quarto, pela ardência do clima, e da estação em que é conduzida, e transportada, o que tudo

concorrendo, e sofrendo um só sujeito, a falta de saúde, e aquisição das futuras enfermidades vem a ser o fiador seguro de tantos males.

Ainda quando os capitães usassem de todas estas indicadas precauções, e estas extensivas até a meterem em os navios algum gado vivo para a manutenção, e sustento da mesma escravatura, quanto a mim, deveriam haver outras tanto mais necessárias, e essencialíssimas, e vem a ser, que os navios destinados a irem buscar escravaturas à costa da África, seriam construídos com facilidade de outro modo, ou ainda mesmo dando-se remédio aos navios já construídos.

Deveriam os navios destinados para esses transportes nos lados da coberta, simplesmente não ter forro algum exterior, nem interior, ficando com o seu cavername vadiado, fazendo-se com outros iguais paus atravessados uma espécie de grade, para que a transpiração dos corpos fosse livre, e tivesse este resfrego, pela qual a mesma coberta perenemente se refizesse de um novo ar, o qual de contínuo, e com liberdade passasse, e vadiasse um e outro cavername, e lado da coberta. Interiormente para o resguardo da noite poderiam haver umas espécies de folhas de madeira, que bem imitassem a umas empanadas, que se prendessem com aldravas na parte superior da mesma coberta, e na inferior do convés, para que estas sucessivas janelas interiormente se fossem fechando, segundo a necessidade o pedisse; pois que vindo a escravatura deste modo engradada, nenhum receio poderia haver, de que ela se lançasse ao mar; e nem também que por ela entrasse o mar, que a afogasse, porque além daqueles transportes serem feitos em monções certas, e em tempo seguro, quando algum mar entrasse, que sempre seria muito

pouco, pela resistência achada no cavername, e na grade que o repelia, esta minutíssima parte dele vinha a ter pronta saída pelos muitos embornais, deixados com franqueza no pavimento da mesma coberta com expedição para o mar.

Além deste socorro, que ainda não acho ser o último, e o preciso, deveria haver pelo convés e tolda diversas grades, e muito maiores, do que aquela, que fechando a coberta no convés, lhe serve de escotilha, para que por elas a escravatura não só se pudesse refazer do novo ar, e este comunicado pela parte superior; mas também para vir a participar da assistência do sol, que ela tanto estima, se aproveita, e gosta, prevenindo-se a entrada da água da chuva, ou do mar, pelo meio dos encerados.

Vem a ser um prejuízo, o erro comum o querer comunicar o ar, e a respiração a tanta escravatura pelo meio de umas pequenas portinholas, ou vigias, que são poucas pela extensão de um, e outro lado da coberta, e também por uma pequena grade, que se deixa, e que se observa aferrolhada no meio do convés, o que não sendo capaz de dissipar o outro, que dentro da mesma coberta se acha corrupto, e infestado, faz com que ele ali se conserve.

Debalde são os esforços dos capitães em mandarem alongar, e prender as mangas, ou funis do cesto da gávea com direção à grade da escotilha, para deste modo atraírem uma nova coluna de ar mais superior, porque se nisto entram, é quando a escravatura desesperada forma alaridos, e gritarias, pedindo, e suplicando pelo modo, que lhe é possível auxílio, e misericórdia: é quando a calma, e o calor é intensíssimo, e nestas circunstâncias, que coluna de ar, de viração, e de fresco podem atrair?

Debalde vem a ser também aqueles outros esforços, que despendem esses mesmos capitães, que maior servem de satisfação à humanidade ofendida, do que de remédio, quando mandam vir para o tombadilho em prisão em cada um dos dias, dez e doze escravos, a título de tomar novo ar, quando aliás sendo os escravos de transporte de 200 a 300, segundo o mais, que pode levar o navio; no decurso da viagem apenas a escravatura, prosseguindo nesta ordem, vem a participar de um só dia, quando muito, desta refeição, o que pouco lhe aproveita, e ainda menos porque se vai a confundir com a outra não refeita, e infestada.

São inúteis, e totalmente improveitosas as outras diligências, que despendem no disfarce da tirania, mandando por duas vezes na semana borri-far as paredes da coberta, e o pavimento dela com vinagre, tanto porque assim que se borrife, logo se seca, como porque o calor da transpiração dos escravos ali encerrados, que é bem semelhante ao de uma enxovia, e forno, concorre para que muito mais depressa ele desapareça.

Como pois os capitães, e os senhores dos navios são tenazes, e teimosos, no seu projeto de economia, com sacrifício terrível da humanidade, seria a última das providências, que os navios, quando fossem despachados para este fim, tanto nos portos da sua saída, como nos da recepção dos escravos, fossem lotados com taxa, e determinação das cabeças, que pelo muito que deviam transportar, sem que a mais se desse licença, com a precedência de um rigoroso exame nos gêneros, e víveres, que fosse extensível até ao exame das aguadas precisas, subsistindo a cominação, de que trazendo maior

número, do que o da sua lotação, seriam além de castigados com penas arbitrarias, condenados a sofrer o prejuizo, e a perda de serem manumitidos os últimos escravos que embarcaram, e que excederam o número prefixo; pois se abusa inteiramente da Lei de 18 de Março de 1684, inserta na Coll. I. n. 3 à Ord. L. 1V. tit. 42.

IV

Militando pois todo este tropel de infelizes, e de desgraças armados contra o infeliz escravo, a tudo isto ele resiste, vive, e falta nos países Americanos. Os escravos que ali aportam vem a ser mais um resto de escravatura, do que homens. É uma leva de enfermos, que de um hospital se muda para outro, e por isto com suma razão disse, que os escravos eram por natureza fortes, robustos, e sadios; e que os que escapavam de todas estas calamidades com muita razão se podiam chamar homens de ferro, ou de pedra.

Quando pois a miserável, e consternada escravatura desembarca na América, quando devia experimentar os necessários, e ao mesmo tempo úteis efeitos de uma indispensável hospitalidade, no suprimento do que lhe era preciso, assim como de uma farta ração, de uns comeres sadios, do competente vestuário, de serem supridos com a fruta, de que tanto abunda aquele país, e de serem recolhidos em casas assobradadas, adietados, e curados: pelo contrário a tirania dando as mãos à avareza os conduz para o terrado do armazém, aonde as doenças novas se declaram, e as velhas adquiridas nas jornadas de terra, e mar, perpetuando-se, crescem

encurtando-lhes os dias, até os levar à sepultura. Por isso neste lugar, assim como em todos os outros, tiro por infalível conclusão, que a mortandade, e estrago dos pretos escravos quando chegam a portar à América, de nenhuma outra coisa provém, senão do antecipado mau trato, que sendo encontrado com o outro insurgido, e acrescido na América, que experimentem, estando eles já debilitados, e enfraquecidos, já quase no fim da vida, nada mais lhes resta para sofrer, senão a morte, ao que também se incorpora a variedade do clima, as muitas virações, que o faz mais fresco, que na falta do alimento, e do vestuário, os atenua.

Se acaso porém quando aquela tal, e qual porção de escravatura chega salva à América, os senhorios das negociações tivessem a prevenção de a aboletarem, e de distribuírem em pequenos lotes por diversas quintas, chácaras, ou roças, que circulam qualquer das povoações da América, e ali lhes mandassem dar o sustento, e o vestuário preciso, certamente, convalescendo ela, dentro de poucos dias seria vista brilhante, sadia e forte, a mesma porção de escravatura salva, e isto com visível interesse, porque a reputariam por muito melhor preço, vendendo-a logo, desviariam de si por mais tempo o risco do fôlego, e se dispensariam de a sustentar, ainda que com miséria, e parcimônia, por maior espaço de meses, enquanto ela não é vendida. Porém este plano lhes é desagradável, e os torna surdos uma vez que se dirige a gastar, e a despender mais alguma coisa.

O que acabo de dizer bem se verifica com as duas observações que fiz naquele país, e que são constantíssimas a todos, que lá viveram por alguns anos, e ainda mesmo aos que por lá passaram.

Observei, que comprando qualquer sujeito um escravo, e tirando-o por sorte do lote deles, ainda sem preceder a escolha, correndo o dinheiro, levando, e tratando-o como coisa sua, dando-lhe a comida necessária, o vestuário competente, as frutas sazonadas, as comidas sadias, e finalmente despendendo com ele todo o bom senso, dentro de poucos meses aparece um escravo robusto, trabalhador, e forte, e de um tal modo, que os outros invejando o escravo alheio, entram em lanço com duplicação do seu primeiro custo.

Observei mais naquele país, que homens haviam de poucas posses, que se empregavam em comprar o remanescente da escravatura, a que já o comissário não tinha comprador, refugada por todos, não a querendo nem fiada os senhores de engenho, e não sabendo finalmente já o comissário, que saída havia de dar a ela, desejando até que ela morresse, só para se dispensar da escassa ração, e sendo este refugo por aqueles comprado, levando-o para a sua casa, medicinando-o, adietando-o, e dando-lhe o sustento, e o vestuário preciso, e fazendo-o mudar de ares: convalescendo a mesma escravatura desprezada, dentro de pouco tempo a revendiam como sã, robusta, e forte por um muito bom preço, e que neste tráfico continuavam, entregando-se a um novo gênero de indústria, chegando até para este fim a comprá-la fiada, vindo a pagá-la com o preço da venda da mesma escravatura sarada e restabelecida.

Meios de acautelar e remediar as enfermidades.

Todas as enfermidades e moléstias assim agudas, como crônicas que ficam indicadas, à exceção

tão somente dos bichos da segunda espécie, e do banzo, não são umas moléstias novas, e desconhecidas, e por isso mesmo são todas elas curáveis. A todas e a cada uma delas chega a medicina, sendo aplicada em tempo; porém a mesma medicina não pode emendar a negligência, o mau trato e a tirania a que os comissários e os senhorios dos pretos escravos os entregam à revelia no procedimento e auge das mesmas enfermidades até que eles no desamparo morram.

Como pois as indicadas enfermidades, sendo conhecidas, são curáveis, nós remetemos nesta parte à mesma medicina oportunamente aplicada, e quando o não seja, não podemos de modo algum desarmar a mão da tirania, dirigida a flagelar por efeitos da economia, e da inumanidade, a triste e desgraçada escravatura. Só nos compete referir neste privativo capítulo algumas coisas de que sejam provenientes as referidas enfermidades, como fica refletido, aplicando alguns meios privativos de as prevenir, e de as curar agora de resto, sendo a primeira das prevenções o chamarem-se os médicos com dispêndio em tempo para as curar, não se entregando de modo algum a consternada e enferma escravatura com desamparo e negligência ao progresso das moléstias, que por si mesmo se declaram.

Sendo pois toda a escravatura transportada nascida em um país quente, e ardentíssimo, pois que os podemos considerar os verdadeiros habitantes da zona tórrida, influindo o clima muito nos corpos, é bem certo, que os escravos, depois de maltratados no

fim de uma, e outra viagem, sendo conduzidos para o armazém térreo, aonde só lhes dão umas comidas fracas, e umidíssimas, como vem a ser o arroz, a farinha-de-pau, o feijão, e a fruta verde, ou pelo menos mal sazoadada, ou aliás já podre, e corrompida, que de ordinário não passa de banana, ou figo, simplesmente com a ração da farinha-de-pau, deste modo se vem a aumentar, e a insurgir as enfermidades, que têm princípio na relaxação, como são as lombrigas, que produzem por efeitos a gota coral, as opilações, e as obstruções, sendo tudo coadjuvado pelo terreno, em que habitam, e pela falta do vestuário preciso em um clima, que para a escravatura já é desabrido pela diminuição dos graus, em que ficam as terras da sua habitação, e pelas muitas, e boas virações, que refrescam o sítio, e o terreno da nova positura, que sendo proporcionalmente quente, o torna temperado, e fresco, e com muita diferença do clima africano.

Logo viriam a ser desterradas todas estas enfermidades, até aquelas outras, que são provenientes dos efeitos da muita giribita, ou aguardente, que com abundância bebe a escravatura, persuadindo-se de que se forram deste modo, e que fortalecem o seu estômago combatido pela frouxidão, e pelas qualidades das comidas. Se a escravatura fosse hospedada, e recebida em sobrado, e se a toda ela se lhe desse o vestuário preciso, se lhe fosse dada, além da necessária, e sadia comida, bom peixe fresco, a carne, de que tanto abunda aquele país, e tudo o mais quanto lhe fosse necessário, e competente; e se, finalmente, tratasse do frescor, rebatendo-se a ressequidão pelo meio das sazoadas frutas: despendendo-se este bom trato com infalibilidade pouca, ou nenhuma escravatura viria a falecer das suas ordinárias doenças.

Sendo a sarna uma das moléstias, que muito perseguem a escravatura no fim, e ainda durante as suas jornadas, e viagens do mar, e terra; é certa que sendo ela desembarcada, e metida no mesmo pavimento térreo, e indo banhar-se ao mar, aos lagos, e às fontes, sem que haja o vestuário preciso, que a resguarde do ar ambiente, sobrevindo-lhe qualquer constipação em um clima estranho, e para ela desabrido, como fica demonstrado, recolhe-se a sarna, e recolhida ela, infinita escravatura vem a falecer. Logo isto viria a ser acautelado, e a livrar-se a escravatura desta doença, consumidora dela, se andasse vestida, e reparada.

Todas, e quantas operações, e diligências despendem aqueles comissários idiotas, senhores da escravatura para desterrarem e curarem a sarna, mais para o fim de pôr hábil a escravatura para poder vender, do que para a reinteirar da sua saúde, são dirigidas, não conseguindo os fins, para a matar; porque deixam ao arbítrio de certos escravos, e escravas ladinas, o fazerem pôr pelo corpo as folhas amornadas de *Mamona branca*, ao que em Portugal chamam *Carrapichos*; o que igualmente praticam com a folha de *Courana*, quando aliás tudo isto concorre muitas vezes para igualmente a mesma sarna se recolher, e recolhida ela, ou por efeitos da casa úmida, em que habitam, ou por efeitos deste inconsiderado curativo, muitos vem a falecer inesperadamente.

São deixadas usar da mesma folha da courana, pisada, e da erva chamada no Brasil de *S. Caetano*, com o que no ato de ser lavada a escrava-

tura, esfregam a sarna. Todos estes remédios são de pouco, ou de nenhum efeito. O certo é que o curativo desta doença, além de dever ser prevenido pelo bom trato, deve ser entregue à medicina, e no caso de se querer usar de remédios caseiros, se deve lançar mão daquele, de que já falamos, de ser a escravatura lavada na água salgada, esfregando-se ali as sarnas por diversas vezes, até ser reduzida a chaga viva, para pelo meio da destilação terem franca saída os humores infestados, do qual, pelo menos pela experiência, se tem tirado utilidade visível, sendo o curativo acompanhado da untura do azeite de dendê com a adjunção do pó de tacula, como em outro lugar já dissemos.

3

O escravo porém que é acometido das bexigas, sendo depositado, e encarcerado no armazém térreo, e deixado à revelia, é certo que vem a ser uma segura presa da morte, que o conquista; porque aqueles ignorantes, e desumanos senhores rugindo à despesa, tem para si, que esta enfermidade deve seguir o seu curso, saindo as bexigas, enchendo-se, e secando, e que se o escravo tiver de morrer que assim virá a suceder; e que se tiver de escapar, viverá. A tanto chega a barbaridade, a ignorância, e mesmo a irreligião, admitindo fados, quando aliás pelo que entre nós vemos praticar, temos a certeza, de que sendo chamados os médicos, muito poucos deles viriam a falecer, o que pelo contrário sucede pelo sistema que os senhorios dos escravos adotam, porque se pelo nosso de dez viria a falecer um, pelo dos senhorios de dez falecem

nove. O que é bem de esperar, porque o escravo sendo metido naquele armazém úmido, apoderado da referida enfermidade, as mais das vezes, experimenta, que as bexigas se recolhem, e recolhidas no mesmo desamparo vem ele a falecer.

4

Como uma das enfermidades, que maltratam a escravatura, pelo que temos dito, vem a ser a do bicho da terceira espécie, o qual nasce no corpo, e mãos, e com muito maior força nos pés, tendo a sua introdução na falta do asseio: é bem certo, que sendo o corpo, e os pés da mesma escravatura diariamente lavados, e demais disto descalços, o que é fácil na América, sem maior dispêndio pela abundância, e barateza da coirama, ela se libertaria por este modo, desta qualidade de enfermidade, que tanto a maltrata, atenua, e emagrece.

A este respeito ajuntarei uma minha observação, que além do referido asseio, e lavagem, seria bom untar-se o pé da escravatura com o azeite de dendê, o que ela assim pratica por todo o corpo no seu país natalício; pois que certamente os bichos não procurariam fazer ali entrada, e criação, ou pela resistência, que encontrariam, ou porque o referido óleo lhes virá a ser nocivo.

Derivando esta minha observação do modo, com que os escravos na África curam os carbúnculos, ou antrazes, (sobre o que depois falarei); vendo eu a certo escravo com os pés estragados dos bichos, e de um tal modo, que já não podia pôr a sola do pé em terra, e suster-se neles, mandei peneirar a farinha de

milho em o ponto mais sutil, e ajuntando-lhe certa porção de azeite de dendê, do que resulta uma espécie de papas, amornando-as, e estendendo-as em um pano, as apliquei ao pé do escravo por quatro dias.

No primeiro observei, que sendo o pé primeiramente bem lavado com urina para desterrar a entranhada imundície, ocasião em que aquela multiplicidade de bichos ficava visível, e descoberta, com a aplicação das papas, dentro de vinte e quatro horas, seguindo a exploração, vi que os bichos de algum modo inchavam. Tornei a aplicar-lhe segunda vez as mesmas papas, e depois de outras vinte e quatro horas, que quase todos os bichos na sua circunferência estavam apostemados; e que o escravo além de ter febre, sentia umas gravíssimas dores. Continuei com a terceira aplicação das referidas papas, e observei nas outras vinte e quatro horas, que a circunferência dos bichos estava toda rasgada, e em figura de serem todos tirados. Continuei na quarta aplicação das mesmas papas, e depois das vinte e quatro horas, estando elas secas pelo calor do pé do escravo, uma infinidade dos referidos bichos vinham como cravados nas papas secas, ficando o pé do escravo como crivado, com as casas abertas, e desamparadas pelos bichos, e continuando a pôr este emplastro sucessivamente, dentro de poucos dias vi o calcanhar do escravo todo bom.

Estas observações, que foram particulares, contudo não puderam ser comunicadas a todos os senhorios dos escravos; e se alguns deles souberam, não usaram, remetendo-se por negligência ao cuidado dos escravos dizendo que eles teriam o cuidado de os tirar, quando lhes doesse, e que precisavam do tempo para outras coisas, e que não estavam para se

humilharem, e para se entregarem a um curativo tão vil, e baixo. A mais não pode chegar a inumanidade!

5

Como a outra enfermidade, que muito grassa, e acomete a escravatura, é a febre amalinada, que logo consigo traz o sintoma da língua preta, e esta enfermidade é decisiva; assim que se percebe no escravo, é logo esgotado em sangue, e quando se faz preciso, é sarjado, aplicando-se-lhe demais continuamente uma grande abundância de quina, e outros muitos remédios, achados para este fim na medicina, como são as continuadas mezinhas.

Porém por nenhuma destas providências vem a ser suprido o miserável escravo, que em vida é sepultado no armazém térreo: porque ali é deixado ao desamparo, de sorte, que morre se tem de morrer, e escapa se tem de escapar. E nesta tirana porfia, vem a morrer infinita escravatura, e por isso vou continuando a concluir, que todo o estrago, e mortandade dela se deve mais ao mau trato, e ao desamparo, a que são entregues, do que às muitas enfermidades, e moléstias.

Sendo necessário para atalhar esta grande enfermidade despender os maiores esforços; além das sangrias e das sarjas, são aplicados infinitos remédios, e continuamente além destes se lhes estão aplicando repetidas, e diversas mezinhas, concorrendo demais a muita água, que os escravos pedem, e bebem pela secura, causada da ardentíssima, e perene febre; tudo coopera para que em os dias desta gravíssima enfermidade tenha precedido uma evacuação inferior, sempre constante, e por

esta causa, salvando os escravos de tal enfermidade, insurge a perigosa *hemorragia*, que reduz o ânus, ou via inferior, a uma desmarcada relaxação, de sorte, que se pode meter não só os dedos, mas também as mãos.

A medicina não é tão pobre, que não tenha remédio, com que se cure este gênero de enfermidade, e tanto ela é provida, que concorrendo a referida moléstia em pessoas brancas, estabelecidas, e ricas, ainda que mais raramente sendo convocados os professores em tempo, são curados, restabelecidos. Desta mesma utilidade participam os escravos, encontrando-se a piedade em seus senhores, e participariam todos os escravos, se os senhores para a conservação do que era seu lhes chamassem médicos, que lhes assistissem, porém a desmarcada economia a tudo fecha os olhos, e antes querem arriscar, e perder, do que despendar.

Quando aqueles inexoráveis quisessem conservar a mão fechada para tão curto dispêndio, se pelo menos cuidadosamente se informassem por si de outros, ou pelos intérpretes da sua escravatura, pesquisando dela o modo, com que em os seus sertões se curava este gênero de enfermidade tão prejudicial, e nociva, eles viriam a conseguir o sistema fácil do tal, e qual curativo dela.

Nos sertões africanos, e na linguagem da escravatura é chamada, e conhecida esta moléstia com o nome de *Maculo*. O modo de ser entre ela curada, vem a ser da maneira seguinte, segundo referem, ainda que em parte não parece verdadeiro. Quando o *Maculo* é em o seu princípio logo percebido nos pretos africanos, é fácil de ser curado, procedendo-se em lavar-se a via por duas, três, e mais vezes no

dia com águas de malva, de tanchagem, de alfavaca de cobra, e de outras muitas, que eles conhecem, e chamam ervas frescas. Não obedecendo a esta espécie de curativo, quando o Maculo a mais se adianta, ou mais tardiamente foi percebido, abrindo a via do enfermo, pondo as mãos em cada uma das nádegas, borrifam o interior do ânus com a água das referidas ervas; e usam também para este fim de leite de peito ainda morno, com o calor natural.

Quando porém o Maculo a mais se adianta, ou mais tardiamente foi percebido, além de precederem os referidos remédios do modo, que fica dito, fazem (segundo dizem) uma espécie de unguento, que vem a ser composto destes simples: ao azeite de dendê ajuntam-lhe alvaiade, e clara de ovo, e de tudo isto na consistência, e mistura de um perfeito unguento, untam a via relaxada, e os lábios dela por três, ou quatro vezes no dia, até que seja o africano restabelecido.

Indo a mais este gênero de enfermidade, ou Maculo, ela se acha, e se observa degenerada em outra, que vem a ser a da corrupção, vulgarmente conhecida pela doença do bicho da primeira espécie, de que já falamos. Declara-se, e conhece-se de dois modos: primeiro, em o seu princípio, quando se observa nas paredes do ânus uma aspereza como de delicada lixa bem semelhante à da ova dos peixes, aonde já se acham fermentados, e gerados os bichos da corrupção: o qual dentro de poucos dias se comunica ao quarto da habitação do enfermo, de um modo tal, que todos os percebem assim que nele entram.

O modo com que esta enfermidade resultante da primeira, isto é da febre, e da segunda, isto é, da hemorragia de sangue, se cura, vem a

ser com repetidas mezinhas compostas de limão azedo, de sal, e de pimenta malagueta, tudo bem mexido, desfeito, e machucado, que lhe dá a cor como de água de uma sangria forte. Presenciei serem deitadas algumas destas mezinhas, e observei que enquanto passavam pelos lugares interiores corrompidos, não sentia o escravo dor alguma, porém chegando à parte viva, e não corrompida, faziam no escravo tanto efeitos de desesperação, como se a ajuda fosse de chumbo derretido. Observei mais que quando estas mezinhas eram insensíveis, e não produziam esses efeitos, que ali se proferia a sentença, de que o escravo morria; e com efeito assim sucedia, ou em aquele dia, ou no seguinte, porém sempre de contínuo se iam aplicando estas ajudas fortes de duas em duas horas, e de três em três; e algumas vezes sucedia, ainda que raríssimas, que o escravo entrando a sentir-se na terceira, na quarta mezinha vinha a escapar.

Observei por último, que lançando-a o escravo fora depois de a ter dentro por qualquer espaço, ocasião, em que tem logo lugar a aplicação da segunda mezinha, que em lançada fora vinha uma espécie de polme, que indicava serem os ovículos mortos, cortados, e desapegados da sua matriz.

Costumam os curadeiros, e ainda os professores usar demais, para evitar esta perigosa moléstia quando se adianta, de talhadas de limão azedo cobertas de sal, que ficam conservadas na via, para que pereneamente estejam resistindo à corrupção.

Passei a informar-me melhor a esse respeito dos diversos homens, que por muitos anos tinham habitado em os países africanos, e recontando-lhes este modo, de curativo, o aprovaram, e tiveram por

verdadeiro, e usual, e de mais acrescentaram, que muitas vezes isto ainda não bastava, e que para se resistir à corrupção também se deitavam com limão e pólvora as referidas mezinhas, e que as talhadas de limão eram enxutas, e cobertas com pólvora.

Esta enfermidade não é nova, nem desconhecida na América porque grassa em os tempos ardentes como peste, e como entre nós as malignas. Quanto a mim ela também tem o seu lugar no nosso clima europeu, quando qualquer é atacado de uma ardentíssima febre, a que chamam podre, manifestando-se depois do falecimento com uma pronta, e insuportável podridão.

Eu me persuado, que em Portugal existe, e grassa esta enfermidade em certos tempos, porque assim me ensinou a crer a experiência seguinte: tive por três, ou quatro anos, uma macaca, que entrando em um verão a entristecer-se, e a não querer comer, se foi finando; conhecendo-se-lhe o fastio, e a falta do natural prazer, um médico do meu conhecimento, quis-lhe aplicar alguns remédios; e visto que era americano, estive conferindo com ele por vezes sobre a enfermidade de um animal, que se não podia explicar, e nem observar-se bem os sintomas: continuou o fastio, e a magreza até morrer, e morta ela, em esfriando, repentinamente, pela via começaram a sair infinitos bichos bem semelhantes aos que roem a madeira; eu contei quinhentos, e não pude prosseguir em mais contagem, porque o fedor da podridão me afastou; depois que o médico conferiu, e assentou comigo, que a bugia havia falecido da moléstia do bicho, tão manifestada pelo que se observara depois da sua morte, sendo certo que ela vivendo na Europa por mais de quatro anos,

não podia ter trazido dentro de si depositada esta moléstia, que por natureza, e sistema, é peremptória, e decisiva.

Retornando nós à matéria sujeita da escravatura enferma, que falta na América, e que é atacada de qualquer das referidas moléstias, que precisam de tão prontas providências, e de tão fortes remédios, sendo recolhida no armazém térreo, e deixada ao desamparo por causa da economia de seus senhores, e ainda pelo capricho não sustentado pelos médicos, e cirurgiões, que têm por última injúria, o irem visitar e curar os escravos; de necessidade devo continuar a concluir, que quem sacrifica, e mata a melhor e a maior porção da escravatura vem a ser o desamparo, e o mau trato, e não primariamente as indicadas enfermidades.

6

Prosseguindo em outras enfermidades, vemos, e sabemos, que o escorbuto não é uma doença nova e desconhecida, e por isso mesmo curável antes da sua confirmação, que pelo meio das informações tiradas, os povos africanos, posto que incultos, a curam em tempo com as suas mezinhas, tornando as suas bochechas da erva chamada *Pempia*, socorrendo-se com diversos purgantes das mesmas ervas, e da casca de *Ancacia*, fazendo um continuado uso da laranja, e do limão, com todo o excesso, e de diversas limonadas, e do vinagre da palmeira, ou do coco.

Sabemos, que nos portos marítimos africanos os habitantes já mais civilizados, fazem aplicação dos medicamentos anti-escorbúticos; porém nenhum destes remédios chegam a ser participados ao miserável escravo; situação esta, em que a escravidão é bem comparada com a pena de morte, tendo por executor da sua sentença o desamparo, a que o entregam, e o mau trato, o que quando não suscita, adianta, e promove o banzo, outra gravíssima enfermidade, que surda, e insensivelmente atrasando, e consumindo a escravatura, a vai pôr, e fielmente entregar à morte.

O meio mais pronto e o mais natural, que quanto a mim pode haver para se exterminar desta moléstia tão péssimas consequências, pois que o seu curativo não pode achar socorros ainda na melhor medicina, deve ser o excogitar-se tudo quanto possível seja para desterrar-se da desgraçada, e da infeliz escravatura, aquela justa paixão, a que se entrega na cogitação, de que vive circulada, e combatida de todos, e dos maiores males.

Em a dissuasão deste justo sentimento deve ter o primeiro lugar um trato, que seja capaz de desimaginar, que ela não vive, e que não fora trazida para uma positiva, e reconhecida desgraça, na qual se acha sepultada: deve ter o segundo lugar, em os seus senhores se comportarem para com ela de um modo benigno, brando, afável, e risonho, indicando-lhe que se acham bem servidos, inspirando na escravatura os sentimentos, de que têm eles por acerto, e por fortuna a um bom escravo, para na recompensa nascerem os outros correlativos senti-

mentos no escravo de que tivera a dita de encontrar a um bom senhor: deve ter o terceiro lugar, o afaste dos servos, e rigorosos castigos: deve ter o quarto lugar, a permissão de ela se divertir, e folgar ao seu modo, e ainda com a convocação dos seus compatriotas, e semelhantes para lhe influir um justo prazer, e a necessária alegria, o que só é capaz de fazer desterrar o banzo, e as cogitações fúnebres, a que com facilidade se entregam.

8

Os carbúnculos, ou antrazes também não são novos na cirurgia: muitos escravos chegam a falecer deles, porém também muitos chegam a escapar. Esta doença tanto tem de temível, como de perigosa, e por isso tem merecido os maiores cuidados dos africanos, até a reduzi-rem ao estado de se fazer curável com a maior facilidade. A receita extraída das suas observações, e incultura, diz-se que é a seguinte: fazem um novo azeite de dendê com alvaiade fino: fazem ajuntar uma porção de farinha de milho, a mais apurada, que possam conseguir, e sendo tudo bem caldeado, estendem este emplastro em qualquer pano: lavam-no de manhã, e de tarde, com a água de malvas morna, ou com outra qualquer que seja fresca; continuam pelos dias sucessivos nesta lavagem antes de se pôr o referido emplastro, e pela continuação dele, o carbúnculo, ou antraz, começa a abrir-se, formalizando uma espécie de flor, de sorte que pelos dias seguintes com esta repetição de remédio, ele vem saindo com todos os seus olhos, e raízes, sem que nunca por ele, ou pelas suas ramificações se puxe, até que afinal vem ele pegado

no mesmo emplastro, ficando a chaga, e o lugar do carbúnculo em carne viva, se continua a pôr o referido emplastro, até que ela de todo se feche.

Esta receita é tão especiosa, e produziu tão bons efeitos na presença de D. Francisco Inocência, que fora Governador na cidade de S. Paulo de Luanda no Reino de Angola, que acabando com satisfação de todos o seu governo a trouxe para Portugal, e há de existir entre as suas memórias.

9

O cancro sendo também uma moléstia antiga, conhecida e curável em aqueles países africanos, aonde se ignora a medicina especulativa, também se cura com feliz successo desta sorte: o pó, ou serradura do pau chamado *Quicongo* misturado em partes iguais com a folha de pita, ou figueira do inferno, sendo tudo bem moído sutilissimamente, como entre nós o tabaco, com esta qualidade de pó se vai pulverizando o cancro, que ao tempo, que queima, vai limpando a chaga brandamente, e de tal sorte, que nunca se quebra a raiz dele. Cobre-se a chaga com o emplastro de qualquer unguento puxante, assim como basilicão, e com efeito se consegue o fim de ser curada esta ferida, que a tantos mata.

O mesmo D. Francisco Inocência, governando Angola, viu efeitos tão prodigiosos, que não se contentou só em trazer a receita para Portugal, trouxe também o quicongo, e a folha da pita. Tudo isto há de constar igualmente das suas lembranças, que serão achadas no arquivo da sua casa.

As boubas, de que já falamos, sendo um mal venéreo, como discorrido fica, são facilíssimas de serem curadas, porque a medicina no artigo dos males deste gênero se tem empenhado. Todas estas enfermidades, que levam a escravatura à sepultura, seriam desviadas, se em tempo fossem curadas; porém se o desamparo, e mau trato, a uma acorda, e a outras promove, para que me hei de esforçar em discorrer pelas outras todas que ainda me faltam?

No fim porém deste discurso só me restam duas reflexões, que qualquer delas seria capaz de dar matéria a outro novo discurso; porém nesta parte abraçarei a concisão, deixando o que me resta a melhores penas.

Primeira, que ainda a variedade das águas, dos mantimentos, da qualidade das frutas, dos peixes miúdos, e grandes, que frescos, e salgados por ínfimos são repartidos com a escravatura, ainda a mesma estranheza do clima de algum modo influi nas enfermidades, que padece a escravatura; contudo quanto a mim isto só apenas lhe pode servir de irritação, e estímulos para a insurgência das moléstias, que dormem, e para a promoção das que já vêm criadas com antecipação, e originadas pelas grandes fomes, pelas insuportáveis sedes, e por todo o gênero, e qualidade de mau trato, o que tudo se aumenta pelo desamparo, a que ela se entrega.

Concluindo nesta parte que nem a mudança do estado da ociosidade para o trabalho, para cujo fim são comprados, pode influir para a suscitação das suas muitas enfermidades, porque os escravos, que de novo entram a trabalhar, trabalham o que podem, e ninguém deles pode mais exigir, pois que dentro de poucos dias se habituam para o trabalho de um tal modo que vêm a ser constantes, e assíduos nele.

O que porém muito nestas circunstâncias do trabalho, assim como em todos os outros períodos da vida servil pode influir, é a fome, e a necessidade que se combate com os esforços do mesmo trabalho que os obriga a serem fracos, porque os seus senhores lhes não dão ração certa, e só apenas o sábado livre, e quando a dão, o que menos vezes sucede, esta é tão escassa, tão curta, e tão miserável, que só serve, por assim dizer, para enganar a fome e para nada mais.

Influi muito porém o mau trato do tronco, os continuados açoites, que recaem no fim do trabalho, quando se não tem completado a tarefa, o que vem a servir de aumento aos infinitos males principiados com a escravidão, e ultimados com a fiel entrega dos ossos à terra, responde o espírito na terra dos vivos.

Segunda, que havendo uma rigorosa necessidade da mesma escravatura para a promoção das nossas fábricas, e estabelecimentos no Brasil, donde nos vêm copiosos, e abundantíssimos gêneros, nos quais a Real Coroa tem a melhor sociedade, porque supremamente, percebe os seus justos, e devidos direitos, combatendo-se a tirania dos senhores com

a necessidade, vem a ser *um complexo de males, e de castigos* os miseráveis escravos. O céu, a terra, a humanidade e a mesma Real Coroa para a resistência destes absurdos comigo pedem vingança.

O simples escritor porém se não deve misturar com o sistema político, porque governe o mundo quem Deus pôs na terra para o governar, só se deve lembrar do sistema mais oportuno, pelo qual a humanidade oprimida respire: a tirania se reprima, visto que não pode haver outro meio de emenda à vista da teima, da obstipação, e da necessidade, que há da escravatura; que na mesma África por hora venha a menor porção dela, que puder vir, e que para o futuro dilatando-se pela observação o mesmo sistema, se levantem as mãos aos céus louvando a onipotência de Deus, que por um destino feliz fez desterrar, e desaparecer para sempre a escravidão dos pretos a todos odiosa.

Para este fim poderia haver uma Lei Municipal, que fosse dividida em diferentes capítulos.

No primeiro se estabeleceria como regra geral, e invariável, que o escravo, que contasse dez anos de escravidão, vida civil do homem, ficasse *ipso jure* manumitido, porque não há crime no mundo à exceção de Lesa-Majestade Divina, e Humana, que faça o homem escravo enquanto viver com transcendência aos filhos, pois que entregue aos tiranos, e aos males recontados vem a suportar o escravo ainda maior castigo, do que o primeiro pai; porque este foi condenado por desgraça a sustentar-se com o suor do seu rosto: os escravos porém trabalham para com o suor do seu rosto sustentar os mesmos tiranos, que lhes faltam com o sustento, com o vestuário, e que no fim lhes dão por prêmio ainda açoites.

Nesta observância do primeiro capítulo, vinha o escravo a ganhar pelas suas obras para a sua liberdade, depositando nas mãos de seus mesmos senhores diárias somas, como em um cofre, para que no fim se somasse, e se saldasse com o preço da sua liberdade.

Teria esta Lei por segundo capítulo derivado das nossas mesmas leis Pátrias, que uma vez, que o escravo perante o magistrado competente provasse, que o senhor o tratava com tiranias, matando-o à fome, não lhe dando o preciso vestuário, não o curando nas enfermidades, e procedendo indiscretamente, e sem causa a açoites, igualmente fosse manumitido; porque não há maior razão para que as nossas leis preceituem, e mandem, que o escravo forro se reduza à escravidão uma vez que foi ingrato, e que o escravo não saia da mesma escravidão, quando despendem com ele indizíveis tiranias, barbaridades, e hostilidades contra a sua vida, os seus mesmos e próprios senhores.

Teria esta Lei Municipal por terceiro capítulo que todo o homem, que fosse livre, ou pelo primeiro capítulo da lei, ou pelo segundo, ou forro em testamento, ou pelo seu dinheiro, ou que houvesse nascido de pais manumitidos, que dentro de ano, e dia, não se qualificando estar assalariado, na presença do mesmo magistrado competente, ficaria por isso mesmo retornado, e sujeito à escravidão, pondo-se em hasta pública, pertencendo metade do preço ao herdeiro de seu senhor, metade do denunciador; e daqueles, que ex-offício fossem conhecidos não assalariados, o seu preço seria recolhido na arca pública da manumissão para com ele se libertar outro qualquer escravo, prosseguindo-se primeiro na

manumissão daqueles, que em os testamentos foram deixados meios forros, a quem chamam *cortados*.

Com esta assalarição vinham todos a lucrar: o preto servil vestia-se, e curava-se à custa do seu ordenado, e despedia-se de seu amo, quando bem o não tratasse e não o sustentasse: o amo muito mais lucrava, porque primeiro não empatava o fundo, e o capital do comprado escravo, e não corria o risco do fôlego. Figure-se que o preço do escravo era de 100 mil réis, e que ele em liberdade vem a ganhar dez tostões por mês: temos doze mil réis de paga por ano. Vem a ser seis mil réis de prêmio neste negócio de escravo anualmente, que ganhava os cem mil réis. Vem a ser seis mil réis o seguro de vida, e do fôlego por cada um ano.

Deste modo viria a libertar-se o Brasil de mais de 10 000 vadios, e ociosos, que servem de peso às famílias, tendo como injúria o servirem uma vez que, ou se libertaram da escravidão, ou nasceram de pais livres. Estes são os *lenocistas* e os aliciadores das filhas famílias; são os roubados para sustentar os vícios; são os matadores para sustentar o capricho, e a presunção.

Deveria ter esta lei por quarto capítulo, que uma vez que o escravo, e a escrava casada tivessem quatro filhos, desde logo fossem manumitidos, porque davam quatro por si com equivalência ao seu preço, e com estes filhos se entrariam a contar os anos da escravidão de dezoito para cima, ficando o serviço dos antecedentes pelo trabalho, e dispêndio da criação, e da educação.

Teria esta lei por quinto capítulo, que toda a escrava que mostrasse, e provasse estar na mancebia com o senhor, fosse logo manumitida, e que tendo

filhos dele, ou de outro qualquer, ainda anteriores, fossem também tornados livres pelas razões, de que a igualara a si, de que a corrompera, e abusara dela, em castigo da torpeza, e do vício para desterrar a abominável economia, de que nela tem mulher, e escrava, passando com ingratidão a vendê-la, quando se aborrece, para com o preço dela ir comprar outra para o mesmo fim, e intento; e finalmente porque ele vem a ser um dilatador, e propagador da escravidão, que sem consciência, e com injúria da sua memória deixa no cativeiro a sua mesma concubina, e descendência, que muitas vezes passa pela *sub-hastacão* pública.

Teria finalmente esta Lei Municipal por seu último capítulo, que todo o preto forro, manumittido, e livre, que sendo casado mostrasse, e provasse ter dez filhos entre varões, e fêmeas, lhe seria dado por prêmio para o servir um escravo daqueles, que dentro de ano e dia se não achassem assalariados, regulando-se no concurso dos outros este prêmio pela maioridade dos filhos, e no encontro de muitos pela antiguidade das manumissões de seus pais, premiando-se deste modo a propagação dos pretos livres.

Por este sistema poupando-se os dez mil homens pretos, vagabundos, e vadios, para o serviço da agricultura, das casas, e famílias, facilitando-se pelo outro meio a liberdade, e a manumissão, vínhamos a ter vinte mil homens pretos livres com os quais acudíssemos às necessidades dos nossos estabelecimentos e com que se resistia, e se repelia a maior força da negociação de escravos, e do transporte deles dos Reinos africanos, e adiantando-se pelo meio do prêmio a propagação dos pretos livre,

dentro de poucos anos degradaríamos para sempre a dependência do transporte dos escravos com triunfo eterno, e sempre plausível à humanidade, com desterro perpétuo da tirania.

Esta Real Academia, assim como o público, me há de perdoar ter transgredido os limites de escritor, confundindo estes ofícios com os de legislador; porém eles podem ter um disfarce bem aceite, quando tem por pequeno Reino, o curto e limitado espaço de um gabinete particular.

O amor da Pátria me transportou, e os desejos de querer ser útil, do modo que me foi possível, à porção mais infeliz da humanidade, me conduziu a este fim, e mais do que tudo isto, a certeza que em mim existe que na dilatação das nossas idéias em projetos interessantes com relação ao Criador, e ao bem comum dos nossos semelhantes, também se verifica, e tem aplicação o dito do sábio da Grécia: *Finem videre vitae languerae.*

Uma cronologia
do tráfico negreiro

- 29 de março de 1559 – Alvará dirigido ao capitão da ilha de São Tomé ordenando que cada senhor de engenho poderia resgatar até 120 escravos;
- 12 de fevereiro de 1662 – Criação da Companhia do Comércio do Maranhão e Pará que se comprometeu em trazer 13 mil escravos de Angola para o Brasil (foi extinta 3 anos depois);
- 1º de setembro de 1664 – Criação da Companhia da Costa da Guiné ou Porto de Palmida com direito de monopólio por 8 anos;
- Maio de 1676 – Fundação da Companhia Cacheu, Rios e Costa da Guiné, com monopólio de 6 anos para a Costa do Brasil;
- 14 de janeiro de 1690 – Criação da Companhia de Cacheu e Cabo Verde, com direito de monopólio de 6 anos;
- 1721 – Vasco Fernandez Cesar de Meneses autoriza o capitão de mar e guerra, Joseph de Torres, a construir a Fortaleza de Ajudá, na Costa a Sotavento da Mina;
- 1755 – Criação da Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão, com operação na Guiné e Cabo Verde (extinta em 1778);
- 1759 – Criação da Companhia de Comércio de Pernambuco e Paraíba, extinta em 1787. Esta companhia tinha duas sedes, uma em Recife e outra no Porto;
- 1802 – A Dinamarca é primeiro país a abolir o tráfico dos escravos;
- 2 de março de 1807 – Declarado ilegal o tráfico para os Estados Unidos;
- 25 de março de 1807 – O parlamento britânico proibiu a participação dos seus súditos no tráfico de escravos internacional, e quase ao mesmo

tempo iniciou uma campanha, tanto diplomática quanto naval, no sentido de forçar outros países europeus e americanos a juntarem-se a ele;

- 19 de fevereiro 1810 – D. João, príncipe regente de Portugal, assina o tratado de Aliança e Amizade com a Grã-Bretanha. Pelo artigo 10, Portugal se compromete a cooperar com a abolição do tráfico escravo, ficando o mesmo restrito apenas às suas colônias;
- 22 de janeiro de 1815 – No Congresso de Viena, novo acordo entre Portugal e Grã-Bretanha, onde Portugal se comprometeu a proibir seus súditos de participar do tráfico negreiro na costa africana ao norte do Equador, e também concordou em delinear um futuro tratado com a Grã – Bretanha, que efetivamente fixaria uma data precisa para a abolição total do tráfico escravista português;
- 28 de julho de 1817 – Convenção adicional entre Portugal e Inglaterra ratificando o acordo de 1815, a partir desta data o tráfico português seria limitado a navios portugueses e restrito aos seus territórios ao sul do Equador. Portugal também se comprometeria com a fiscalização da área do tráfico que ainda era legal e com a criação de mecanismos destinados a garantir o fim do comércio de escravos na parte que havia sido proibida;
- 23 de novembro de 1826 – Representantes do Brasil e da Grã-Bretanha assinaram um tratado que comprometia o Brasil a proscrever a importação de escravos três anos após a ratificação do tratado pelos dois governos, e a partir daquela data o tráfico seria considerado ato de pirataria;

- Março de 1827 – Ratificação do tratado de 1826 que previa o fim do tráfico num período de 3 anos (13 de maio);
- 7 de novembro de 1831 – Aprovada a lei que estabelecia o fim do tráfico negreiro para o Brasil, a libertação de todos os escravos que a partir daquela data entrassem no território nacional, e condenava as pessoas culpadas de importação de escravos às penalidades do código criminal da época pelo crime de reduzir pessoas livres à escravidão. A nova lei foi promulgada em abril de 1832;
- 1842 – O Uruguai aboliu a escravidão. Em auxílio dos proprietários brasileiros de propriedades próximas a Montevidéu foi enviada uma embarcação da Marinha brasileira, que transportou 188 cativos de volta à escravidão na província de Santa Catarina;
- 8 de agosto de 1845 – Promulgação da lei Bill Aberdeen no Congresso Inglês. Esta lei autorizou a apreensão de navios brasileiros pela Marinha inglesa e o julgamento nos tribunais militares britânicos;
- 4 de setembro de 1850 – Promulgação da lei Eusébio de Queirós extinguindo o tráfico escravo pela segunda vez;
- 1857 – Última menção do imperador D. Pedro II sobre o tráfico de escravos.

Copyright 2021
Todos direitos reservados P55 Edição

Projeto editorial, editoração e capa
P55 Edição / André Portugal e Marcelo Portugal

Coordenadora da Coleção *Auto Conhecimento Brasil*
Aninha Franco

Imagem da capa
shutterstock

M492 Mendes, Luis Antônio de Oliveira
Memória a respeito dos escravos e tráfico da escrava-
tura entre a Costa d'África e Brasil./Luiz Antônio de
Oliveira Mendes._ 2ed. _ Salvador : P55 Edições, 2021.
(Coleção Auto-conhecimento Brasil)

ISBN: 978-85-8325-001-2

1.Brasil - História. 2.Escravos - Memória.3.Escravos-
Tráfico. 4.Escravidão. 5.Costa d'África. I.Título. II.Série.

CDD 981



www.p55.com.br

“O projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Pedro Calmon (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal”.

APOIO FINANCEIRO:



SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO





www.p55.com.br

A publicação desta obra pela
COLEÇÃO A/C\BRASIL,
AUTO-CONHECIMENTO BRASIL,
pretende diminuir lacunas editoriais nas
áreas das ciências humanas e sociais, através
de publicações consideradas como obra
fundamentais para o conhecimento da
formação do povo brasileiro.



Apoio Financeiro:



SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

